

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO T. SA
NÚMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

A CRISE TURCO-SOVIÉTICA (3)

Que irá suceder agora?

A Turquia está à espera de armas na mão

por ANDRÉ CLOT
Especial para o DIÁRIO DE LISBOA

A festa do Ano Novo decorreu sem entusiasmo na Turquia. Todos se esforçaram por sorrir, mas a boa disposição era escassa. Como seriam possíveis manifestações de alegria exuberante quando as nuvens se encastelam sobre o país e quando talvez o ano de 1946 venha a presenciar os acontecimentos mais importantes da vida da Turquia desde a guerra da independência?

Seria exagero dizer que este país sofreu muito com a guerra. É certo que aumentou o preço dos géneros alimentícios, que as casas de habitação são raras e de renda elevada e que os funcionários estão mal pagos.

Estão ainda mobilizadas algumas classes e o orçamento do Ministério da Guerra absorve receitas que poderiam ter emprego mais útil noutras coisas. Apesar destes inconvenientes, a situação seria, em geral, satisfatória, se a comparássemos com a dos outros países da Europa. Os turcos bem o sabem e têm no devido apreço e se-

gurança que lhes deu, durante cinco anos, a política hábil do seu Governo. Contar-se-iam, decerto, entre os povos mais felizes do Médio-Oriente se as circunstâncias exteriores não tivessem vindo pôr tudo em perigo; tudo e até a própria existência da nação.

Porque, na verdade, é da existência própria da Turquia kemalista que se trata e, a este respeito, não reinam ilusões. A opinião publica sabe perfeitamente que o que a Rússia pede é muito mais, que Kars, Ardahan, Artvin e os Estreitos, muito mais mesmo que o Lazistão, essa faixa costeira que foi outrora o reino de Cólquida. O que ela quer é o enfileiramento da Turquia junto das democracias satélites da Europa oriental. E isso encontra a repulsa do povo inteiro, pela mesma razão que recusa a cedência, seja a quem for, da menor parcela de território turco.

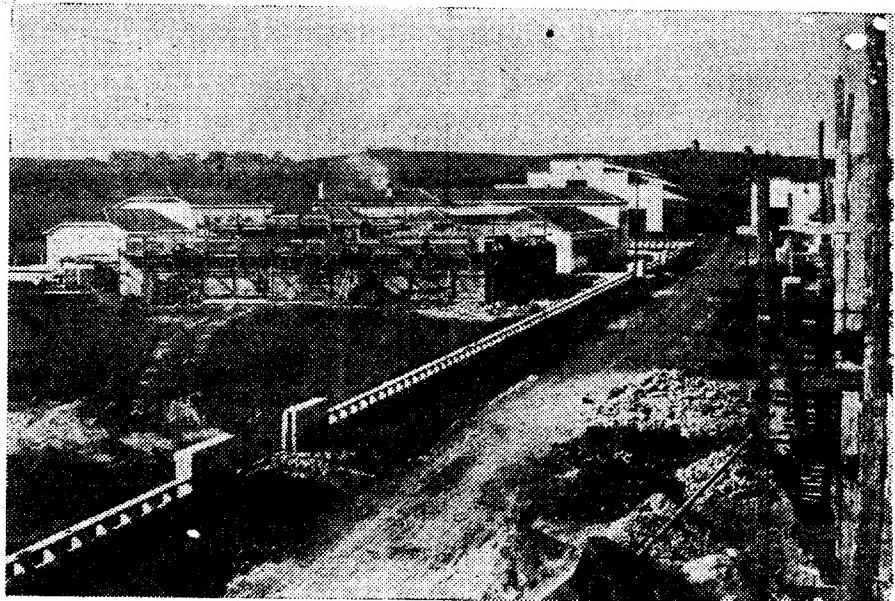
Nas circunstâncias graves que a nação turca atravessa, o que mais impressiona aqui é o sentimento de comunidade nacional, que se manifesta em todas as classes da sociedade, entre todas as tendências políticas e em todas as regiões do país.

A' espera, de armas na mão

Há alguns meses o Governo de Sadat Jögiü era alvo de ataques, por vezes violentos. Havia quem o acusasse de tendências totalitárias exageradas; outros criticavam o excesso de poder de uma polícia muitas vezes molesta; outros ainda, censuravam a política económica que consideravam inadequada. Entre a oposição havia quem protestasse contra o que chamavam «a política amigável» do Governo actual em relação aos soviéticos; outros afirmavam que, se se manifestassem para com o Governo de Moscovo disposições mais cordiais, talvez os russos chegassem a deixar de falar nas suas reivindicações.

Hoje, estão esquecidas todas essas queixas. Os mais violentos adversários do Governo, tendo à frente Rustu Aras, afirmam que é necessário formar uma frente comum contra as exigências soviéticas. Os recentes pedidos apresentados pela Georgia, em

(Continua na 12.ª pag.)



Um aspecto de conjunto, num dos nucleos fabris da Venda Nova

UMA CIDADE INDUSTRIAL

nasce às portas de Lisboa
mas a população não tem água
nem outras regalias indispensáveis

Pode parecer pretenciosa e até um pouco ridícula a comparação. Mas não estão em moda as citações à «americana»? Pois aí está: poderemos chamar, dentro de meia dúzia de anos, a Manchester do Sul—aquele lugarzinho nascido no princípio do século e que, a partir de 1928, mesmo às portas de Benfica, começou a marinhar pelos terrenos de cultura, para se transformar numa zona industrial que será grande, uma das mais importantes, dentro do seu ecletismo, na cintura de Lisboa.

Falamos da Venda Nova. E, antes de entrarmos na zona de explorações actuais—vamos entrar num recanto da Lisboa pitoresca, nesse tempo dos Timpanas, boleiros e das tipóias discretas do princípio do século...

Aguarela antiga

Era a Lisboa dos retiros, das corridas do Paço de Arcos, ali do Rossio a Benfica, por mil e duzentos réis. Havia mesmo nas portas da cidade, restaurantes onde a boémia doirada ia comer e ouvir o fado soluçado pela Maria Vitória e pela Julia Mendes.

Então, o sitio era o do Faguiro e estava bem longe de ser a Venda Nova de hoje. Fora de portas, a vida era simples, alegre, longe de pragmatismos e um refugio seguro para devaneios sentimentais e descautelados com as locubrações alcoolicas.

De facto, Lisboa dessas eras não tinha a liberdade de beber, sem licença, do que muito

bem entendesse—e, então, vá de iludir o físico, às portas da cidade.

Que havia de fazer uma sr.ª Maria Isabel que tem jus à posteridade?

Como o negócio de vinhos e aguardentes não prosperava em Lisboa, abria uma venda—uma taberna—às portas de Benfica, já no concelho de Oeiras. E começou a facilitar o contrabando do alcool. Todos os dias ali apareciam os contrabandistas da garlopa e tripa, abastecedores do «mercado negro» da capital.

(Continua na pag. central)

Os ingleses

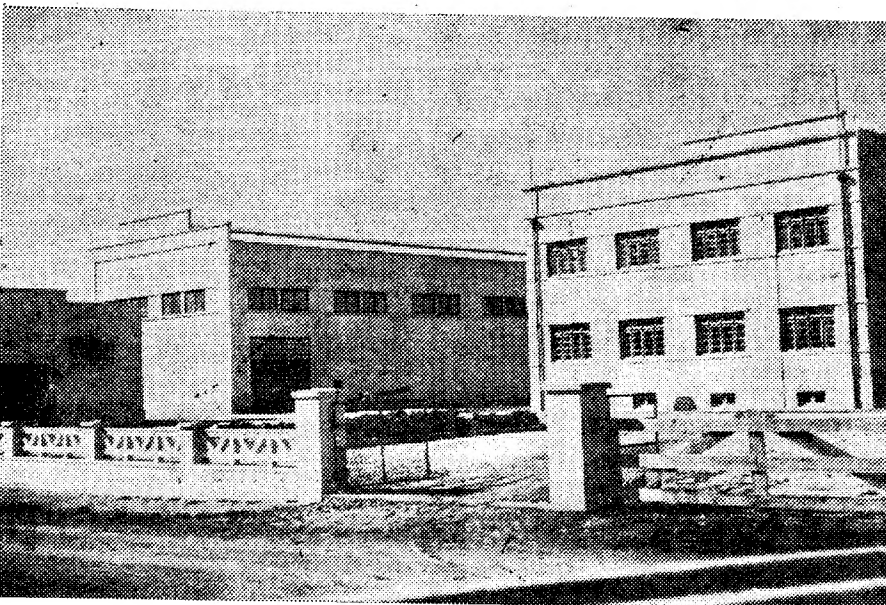
discordam

da excessiva redução
da produção de aço

da Alemanha

LONDRES, 13.—Ocupando-se das novas conversações entre os representantes Aliados em Berlim, para estabelecer o nível futuro da industria alemã, o redactor diplomático do «Times» escreve: «Todos concordam em que a industria deve ser drasticamente reduzida, mas não chegaram ainda a acordo quanto ao ponto a que essa redução deve chegar. As quatro nações aliadas concordam em que a Alemanha deve ficar com uma capacidade produtora de 7.500.000 toneladas de aço por ano, mas que a actual produção não deve exceder 5.800.000 toneladas por ano, a não ser que a Comissão de Fiscalização resolva de outra forma. Todas as fábricas metalurgicas, além das exigidas para permitir a produção de 7.500.000 toneladas por ano serão destruidas ou destinadas a outros fins».

Quando os Aliados—diz o articulista—passaram a ocupar-se das outras industrias, surgiu a questão de que o numero relativo ao aço poderia servir de base, e prossegue: «O ponto de vista britânico é que se a quantidade mais baixa do aço—5.800.000 toneladas por ano—não for tomada por base decisiva, quanto ao nível futuro das outras industrias da Alemanha, esta não teria recursos para pagar as importações de que necessita. Será um peso morto constante sobre os Aliados, aos quais pedirá subsidios.—(R.).»



As fábricas são magnificas construções, como se vê

Goering acusa de traição o marechal Paulus

NUREMBERG, 13.—Goering, ao terminar a audiência de ontem, no tribunal internacional de Nuremberg, e depois de dois dias de declarações feitas pelo marechal von Paulus, que comandou o 6.º Exército alemão, completamente derrotado em Estalimburgo, disse que Paulus não passava de um traidor, que se vendeu aos russos. Acrescentou que as afirmações que fizera perante o tribunal eram mentirosas e ditas só para agradar aos soviéticos, que industriaram Paulus sobre o que ele havia de dizer. Concluiu por afirmar que se dispusesse de uma pistola ou de qualquer outra arma de fogo teria estourado os miólos a von Paulus, que é ainda mais criminoso de guerra do que qualquer dos réus que estão agora a responder perante o tribunal de Nuremberg.—(United Press).

A viagem de Churchill

MIAMI, 13.—Winston Churchill regressou a Miami, por via aérea, vindo de Washington.—(R.).

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

Os futuros suínos



É verdadeiramente sangrenta de ironia a primeira página do «Sempre Fixe» de hoje, da autoria de Francisco Valença.

Botelho foi felicíssimo na sua página gráfica de «Ecos da semana», dedicada ao estágio da selecção militar de futebol.

Magnífica a página desportiva «Rebola a bola» — e engraçadíssima a restante colaboração artística e em prosa e verso.

Numero avulso: \$50. Assinaturas: rua da Rosa, 57, 2.º (telefones 20271, 20272 e 20273).

Comentário ao Regulamento Consular Português

Do Notariado Consular

por Dr. Armando Martins (Consul de Portugal)

Prefácio

pelo Professor Paulo Cunha

Código Penal Português actualizado e anotado

segundo as últimas reformas por Dr. Manuel João da Palma Carlos

Publicação em 4 tomos de 96 páginas

A' venda 3 tomos

Da responsabilidade das Aeronaves

pelos prejuizos causados a terceiros á superfície

Convenção de Roma de 1933

(Direito internacional privado aéreo)

por Dr. Artur Pavao da Silva Leal

— Edições «PROCURAL» —

A' venda em todas as Livrarias

CARNAVAL

Inicia hoje os folguedos o

ROSE BAR

continuando todos os dias

Baile — Folguedos — Surpresas

TRIO RESENDE

Entrada livre—Seleção rigorosa

R. Rodrigues Sampaio, 46

Recital classico

É já no próximo sábado, 16, que o distinto «virtuoso» José Duarte Costa, do Instituto para a Alta Cultura, realiza no Salão do «SINDICATO NACIONAL DOS MUSICOS», o seu primeiro recital de viola clássica, a favor da construção da Casa de Repouso do Grupo «OS JOSE'S».

Teatros e Cinemas

EFEMÉRIDES

1859: Inaugura-se o Teatro Baquet, do Porto, com bailes de máscaras, visto não estar ainda concluído. A inauguração como teatro realizou-se a 16 de Julho, com a comédia em 3 actos «Segredo duma Família», original do actor José Carlos dos Santos. O teatro foi mandado construir por um alfaiate francês, chamado António Pereira Baquet, estabelecido na Rua 31 de Janeiro, ao lado do local onde foi edificado o teatro. O Baquet ardeu a 20 de Maio de 1888, tendo morrido 120 pessoas.

Fazem amanhã anos: o escritor Samuel Maia (dr.); o compositor Cruz e Sousa (Jorge Mário Melo e Castro Sousa); o actor Alvaro Pereira (Alvaro Valentim de Sousa Silva Pereira).

Atrás do reposteiro

Podem considerar-se prematuras quase todas as notícias que têm circulado nos meios de teatro, com referência á organização de elencos para a próxima temporada de verão. Há, pelo menos, quatro negócios de declamação em perspectiva, dos quais apenas dois se destinam a Lisboa.

—Vai ser construído em Moçamedes uma nova casa de espectáculos para substituir o velho teatro Garrett, que tem perto de cinquenta anos e já não oferece as condições necessárias.

—O grupo de Black Daisy está a trabalhar no Cine Parque do Funchal, com grande êxito.

—O actor-cantor Miguel Orrico, que há anos se encontra no Brasil, regressa brevemente a Lisboa.

—Carmen Arruza colabora no programa radiofónico que José Rodrigues realiza na próxima quarta-feira e tem por título «O Cinema em Marcha».

—O actor Pereira Saraiva, na revista em ensaios no Avenida, desempenha os seguintes papéis: «D. Paio», «Tio San» e «Matacão». A revista sobe á cena depois do Carnaval. Gema de Rio, que ali vai actuar como atracção, fez ontem a sua apresentação á empresa.

—A artista Maria Carmen segue em Abril para o Rio de Janeiro.

—No desempenho da revista-fantasia regional «Contra a maré...» que, dentro de breves dias sobe á cena em Matosinhos, tomam parte mais de sessenta amadores daquela localidade.

—Vai construir-se em Ponta Delgada, um novo teatro, iniciativa da empresa dos Carregadores Açorianos.

—O ilusionista português Conde de Aguiar tem recebido várias propostas de contrato entre elas uma para o Rio de Janeiro.

Artistas de variedades

Encontra-se de passagem em Lisboa a bailarina Marietinha, que em breves dias regressa a Madrid, onde vai continuar na companhia de António de los Reys, exibindo-se em várias casas de espectáculos, para onde está contratada. A parella Marietinha e Reys tem propostas para Londres, Berne e Buenos Aires.

—A popular artista Trudi Bora escreveu de Argel aos jornais de Madrid, dizendo que o empresário Curt Doorlay abandonou, naquela cidade, todos os artistas da companhia, entre os quais Niña de Castro, Pepe Azuaga, Conchita Moreno, Rafael de Gerez, Emilio Delgado, e a própria Trudi. O que é estranho é que a companhia estava obtendo excelente resultado financeiro.

Teatro em Espanha

Gracita de Triana estreou, no teatro Cervantes, de Sevilha, com um espectáculo intitulado «Tablão», de que são autores Ramos Parello e o maestro Moureal.

—Ernesto Burgos escreveu uma comédia a que deu o título de «El encontro de Filomena».

CASINO DE SINTRA ORQUESTRA-JAZZ

Recebem-se propostas de Orquestra-Jazz para actuar no Casino de Sintra de 1 de Maio a 31 de Outubro. Dão-se esclarecimentos pelo telefone 25.074.

CASINO DE SINTRA RESTAURANTE E BAR

Recebem-se propostas até ao dia 23 do crt. para a exploração do restaurante e «bar» do Casino de Sintra, para o período de 1 de Maio a 31 de Outubro. Dão-se esclarecimentos no Casino, no próximo sábado, das 15 às 17 horas, e pelo telefone 25.074 em qualquer dia.

tendo estreado no teatro Principal de Saragoça, pela companhia Guadalupe Muños, Sam Pedro e Luchy Soto.

—A nova peça de Jardiel Poucel intitula-se «Agua, Aceite e Gasolina» e sobe á cena brevemente, no teatro de Zarzuela, de Madrid. —No Maravilhas, de Madrid, está em cena a peça «El hombre que las enloquece».

Primeiras exhibições

«As Rochas Brancas de Dover», no S. Luis

Este filme faz-nos lembrar, por vezes, a «Cavalgada», pelo seu tom simples e sério, verdadeiro e comovente. Abrange duas gerações e, embora feito na incidência de duas guerras, não são os seus factos que encham o «ecran», antes as suas reacções com as figuras que servem de protagonistas. O realizador quis dar-nos um exemplo de que a colaboração anglo-americana não é, apenas, um típico factor militar, porque abrange as almas, as consciências, os ideais. Com inteligência simbolizou esse pensamento numa figura, que reúne no sangue o tradicionalismo da velha Albion e o dinamismo do Tio Sam. Vermos antes da guerra de 1914, como a vida era feliz, doce, calma, e como um lar votado ao amor é desfeito pela tormenta. Quando o oficial inglês morre em França, ele sabe que a sua descendência está assegurada. Bateu-se para que o filho viva em paz, na sua grata recordação e servindo de esteio de ternura á mãe. Mas a história repete-se, e o filho parte, vinte e cinco anos depois para outra guerra, regressando á pátria, para morrer também, vindo, nas ruas de Londres, como quando era pequenino, as tropas americanas que, mais uma vez, se batem pela Europa. O que interessa, sobretudo, neste filme, é, digamos, a dogura do seu clima, a elevação das almas. O realizador duas vezes evoca Dieppe: a primeira para nos dar imagens de felicidade, a segunda de mortandade. O contraste é feliz. Um soldado americano ao morrer exclama: «Deus só protegerá os Estados Unidos e a Inglaterra se desta guerra nascer a justiça para todos os povos». Assim seja. Desempenho magistral.—Visor 42.

O espectáculo

que o publico mais aprecia—está no Coliseu. Amanhã: «matinée»



Um dos mais inteligentes elefantes, subindo uma escada, em pino! Trabalho maravilhoso que arrebatou todo o publico

«NOITE HUNGARA» no GALGO

É já na próxima sexta-feira, dia 15, que se realiza—sob o patrocínio do «Comité pró-Hungária»—a deslumbrante «Noite Hungara» no Galgo, a elegante «boite» de tantas tradições. O produto desta festa de caridade, que será ao mesmo tempo uma noite de bom gosto e de alegria, destina-se a contribuir para as obras de assistência da Hungria, tão necessárias nas circunstâncias difíceis que aquele país vem atravessando.

Deram já o seu concurso, num simpático gesto de generosidade, os populares artistas do nosso teatro Herminia Silva e Vasco Santana, as vedetas da rádio Maria Sidónio, Irmãs Meireles e Luísa Maria, o violinista José Puertas e o acordeonista António Mestre.

Haverá surpresas sensacionais, além da colaboração preciosa de Fausto Caldeira, Fred Trinsler e Alfredo Costa. Será também leiloado um lindíssimo vestido oferecido generosamente pela conhecida modista Madame Valle. Já está quase esgotada a reserva de mesas devido ao entusiasmo que há por esta festa, para á qual é obrigatório o traje de «soirée».

INSTITUTO DE SINTRA

Algumas dezenas de amigos de Sintra, entre eles, os srs. professor Azevedo Neves, dr. Joaquim Fontes, conde de Sabrosa, Rui de Orey, Francisco Costa, Regina Quintanilha, dr. Alvaro de Vasconcelos, dr. Jacinto Carreiro, etc., reuniram-se em Lisboa e resolveram dar vida legal ao Instituto de Sintra—associação artística, literária e científica de interesse local.

A ideia inicial foi do coronel Afonso de Dornelas, que fez agregar a si, em 1930, alguns elementos de valor; porém, a actividade do «velho» Instituto Histórico de Sintra foi diminuindo, e há muitos anos que não se ouve falar daquele organismo.

O Instituto de Sintra, que vai ser agora criado, sob o patrocínio da Câmara Municipal de Sintra e com o entusiasmo de todos os amigos daquela vila, é uma nova associação que vai defender o património artístico e histórico, propagar a literatura e a bibliografia sintrense e desenvolver as ciências ligadas á serra e ao solo.

VIDA DESPORTIVA HOCKEY EM CAMPO

Associação de Lisboa

A posse dos corpos gerentes da A. H. C. L. efectua-se amanhã, pelas 21 e 30, na Rua Jardim do Regedor, n.º 9, 3.º.

O campeonato de Lisboa desta modalidade deve ter o seu início no primeiro domingo de Março.

CERVEJARIA ARTISTICA

Largo de Alcantara, 1

Hoje: Adelaide Fernandes, Fernanda Baptista, Jaime Silva e Fernando Madureira.

Amanhã: Estreia de um grande nome e interessante baile.

Sábado: Festa de Rolando Rodrigues e sarau á francesa.

RELÓGIOS E JOIAS A PRESTAÇÕES

Mensais de Esc. 100\$00 ou a pronto pag.º se preferir. Omega—Zenith—Longines—International—Pateck—ancéis, afínites, broches, brincos, clips...

Exposição e venda directa, escritório dos Irmãos Cardoso, F.ºs, Rua da Vitória, 73, 1.º, esquina da R. do Ouro.

GRANDE SUCESSO DE

MAYÁ

O ALBUM DE MODAS QUE AS MULHERES PORTUGUESAS MERECIAM

Assinaturas: SPA — R. do Alecrim, 43, 1.º — Lisboa.

Distribuidora:

EDITORIAL ORGANIZAÇÕES

L. Trindade Coelho, 9, 2.º—Lisboa

PACO

FUME CIGARROS CORT KING SIZE

Um cigarro que se impõe pela sua qualidade. Acaba de chegar nova remessa.

REPRESENTANTE EM PORTUGAL

Caiús Alves de Sousa

111 — RUA CHÁ — 115

PORTO

Meias Americanas Nylon-Dupont

Acabamos de receber a primeira remessa destas meias com os tamanhos de 8 a 10

MEIA DE VIDRO

R. Augusta, 158

MONUMENTAL

(R. Carvalho)

Araújo)

NOITE

MODA



Filipe Pinto



Berta Cardoso



Carlos Ramos

com a colaboração dos estimados artistas que constituem o elenco de ouro do fado

BERTA CARDOSO

Filipe Pinto - Carlos Ramos

Maria Virginia - Alberto Cardia - Maria Loureiro, com acompanhamentos pelos artistas Carvalhinho e Pais da Silva

RITZ CLUB

R. da Glória - Telt. 25104
O MAIS MODERNO
E ELEGANTE DANCING-BAR

HOJE, BAILE DE CARNAVAL

com todas as atracções e as orquestras

SEVEN - RITZ - MUSICAL'S e IMPERIUM com o cantor ANARAL LOPES

BRINDES - SURPRESAS - COTILLONS

ARCADIA

O DANCING N.º 1
DA CAPITAL

APRESENTA Carmen Macia - Rossend and Mary - Maruja Inglesas - Maruja Herrans y su Ballet - Mary-Mely Mary Reme.

MUSICA CONSTANTE PELAS ORQUESTRAS

PRIETO

com a animadora Conchita Muñoz e a estilista sul-americana Inesita Pena

ARCADIA

com o animador João Valério

QUINTA-FEIRA: BAILE DE MASCARAS



AMELIA MARIA

CASABLANCA

Parque Mayer NOITE DA MODA
Emp. José Miguel Hoje, às 21,30

ESTREIA DA MAIOR REVELAÇÃO DE 1946

AMELIA MARIA

uma nova estrela do fado

«Desfile de Estrelas»

com PILI CARBONEL - Mary Dolly -

Hermanas Lopez - Branca Velez - Artur Ribeiro - Renato Chaves - TRIO EXCENTRICO DE VARIEDADES e a Orquestra Caravana com Almeida Cruz - Reaparição de Maria de Fátima

Entrada 10 \$ 00

Marcam-se mesas

Teatro Nacional de D. Maria II

HOJE - às 21 e 30 - HOJE
A cebre peça em 3 actos de Paul Raynal, tradução de Norberto Lopes.

Napoleão

Com os gloriosos artistas PALMIRA BASTOS e ALVES DA CUNHA, e a colaboração de Samuel Liniz, Adalina Campos e R. de Carvalho

Sabado: 1. tarde classica da época, em homenagem à memória de Afonso Lopes Vieira, Teatro de Gil Vicente - Autos da «Visitação», da «Mofina Mendes» e da «Barca do Inferno»

NEON

ABILIO QUEIRÓS & C.ª L.ª DA
RUA DE SANTA CATARINA, 130
TELEFONE 4986 PORTO



AS ROCHAS BRANCAS DE DOVER

com Irene Dunne e Allan Marshall

R. 27172 - As 21,30

«MATINÉES» DIARIAS

EDEN

2.ª SEMANA
Soldados sem Uniforme

A's 21,30

telef. 2 0768

«Matinées» diárias

O DEON PALACIO

ESTREIA
DENTE POR DENTE

A's 21 e 30

A's 21 e 30

com Caterina Boratto e Carlo Tambrellani

GINÁSIO

3.ª SEMANA
Sonho Musical

telef. 20556

com Hilde Krali e Mathias Wieman

TERRASSE

Quem Brinca com o Fogo... BANDIDOS

telef. 20917 - A's 21 e 15

REX SAHARÁ

Dois sem Julzo

telef. 29656 - A's 21 e 15

JARDIM CINEMA

ASSIM É QUE ELAS GOSTAM A Volta do Dr. X

tel. 6306 - A's 21

TIVOLI

2.ª SEMANA
Com todo o meu coração

A's 21,30

TELEF. 50595

Com GINGER ROGERS, JOSEPH COTTEN e SHIRLEY TEMPLE.

Politeama

TELEFONE 26305

HOJE AS 21,30

4.ª semana do filme de Armando de Miranda I

JOSÉ DO TELHADO

E o 1.º premio de agrado do cinema nacional em 1946, conferido pelo publico!

CONDES

Uma Mulher às Direitas

A's 21,30

telef. 22523

com Tom Neal e Ann Savage Em complemento: SUBMARINO DE ALGIBEIRA

CAPITOLIO

A's 21 e 15
A Vespera de S. Marcos Mulheres e Musica

telef. 27493

LYS

Quem Brinca com o Fogo... BANDIDOS

telef. 48560 - A's 21 e 15

VITÓRIA CINE CARCAVELOS

A's 21 e 15
Direcção Desconhecida Dançarinas dos Trópicos

CASINO ESTORIL

A's 21 e 30
Para Sempre e mais um Dia com Brian Aherne

TRINDADE

HOJE às 21,45

Continua um grande êxito de gargalhada

A MASSAROCA

com Nascimento Fernandes e todos «Os Comediantes de Lisboa»

Aos domingos, «matinées», às 16 horas

TEATRO MARIA VITORIA

Tel. 22476

2 sessões - A's 20 e 30 e 22 e 45

UM TRIUNFO ABSOLUTO DA NOVA REVISTA POPULAR

TRAVESSA DA ESPERA

com Luisa Santanela e a notável atracção nacional FRANCIS e RUTH

VARIEDADES

2 SESSÕES As 20,30 e 22,45

Exito retumbante da grande revista

Alto lá com o charuto!

Na sua nova fase

Grandioso elenco, com Mirita, Vasco e Alvaro Pereira, Alberto Ribeiro, Troupe Perceval e José Puertas

por Vasco Santana

APOLO

2-SESSÕES - 2 A's 20 e 30 e às 22,45

A Companhia dos Cômicos Populares apresenta a comédia em 3 actos

A MADRINHA DE CHARLEY

com MARIA MATOS e COSTINHA à frente de um grandioso elenco

RETIRO DOS MARIALVAS

Hoje, às 21 horas, Festa Artística da muito apreciada artista AURORA SOBRAL em que apresenta todo o elenco privativo da empresa, e um acto de Variedades em que colaboram Max-Los-safan, Miss Nolita, o imitador Augusto Pinto e outros artistas.

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

Amanhã, grande programa com uma estreia de sensação. Sexta-feira: Concurso de Cegadas.

Aurora Sobral

SEXTA-FEIRA, 15

Mercedes Begoña

E O SEU BALLET

Mercedes Begoña

E O SEU BALLET

Mercedes Begoña

E O SEU BALLET

NOVAS EMPRESA E GERENCIA

SEVILHA

MUSIC-HALL DANCING PARQUE MAYER

SABADO: 2.º DE BAILE DE MÁSCARAS

Brevemente: UMA GRANDE ESTREIA

Amanhã

DAS 17,30 A'S 20

«MATINÉE» DA MODA

Apresentação dos novos artistas:

CANDIDA ROSA

Cançonetista

ALCINO RIBEIRO

Cantor

e da parella de baile

JULY et ELY

A Grande Orquestra

JOSÉ PUERTAS

e a vocalista CECILIA MELE

CRISTAL

BAR DANCING DA MODA

Apresenta o mais categorizado programa de atracções

MANOLO BEL

a mais aplaudida orquestra espanhola dos ultimos anos

BRAZALEMA

E A MELHOR ORQUESTRA PORTUGUESA

SOUSA PINTO

BREVEMENTE ESTREIA

VEDETA DE BAILE

CARMEN ROMERO

e de outra sensacional atracção

Calé CRISTAL

TOCOS OS DIAS DAS 17 A'S 19,30 HORAS

CHÁ CONCERTO e VARIEDADES

com a

ORQUESTRA

MANOLO BEL

OS SEUS ANIMADORES

ROBERTO

BARREIRA

ORQUESTRA

SOUSA PINTO

com o cantor ALBINO GOMES

VIDA Literária

O PRETO NO BRANCO

Perplexidade

Eu disse a Malaquias Raposo, meu sempre brilhante amigo, a quem os anos parecem não fazer mossa, e que conserva o aprumo dum galoraz de crista um tanto desbotada, mas ainda chibante.

—Extranho-te. Tens um ar alheado, distante, de quem está preocupado com qualquer coisa que não confessa... Parece-me «vago» — que é o adjectivo que no momento, me apetece aplicar-te. O que é que tens?

Ele sorriu e respondeu:

—Tu conheces o «sonho» da Manon? Apetece-me responder à tua pergunta com a letra que canta o tenor: «à punto ho fatto un sogno»...

—Tiveste um sonho?

—Perfeitamente... Um sonho intenso, vivido — um sonho «totalitário».

—Conta — insisti eu, curioso.

E ele contou assim:

—Imagina tu que eu sonhei que era borboleta. Nem mais nem menos. Uma borboleta enorme, uma borboleta gigante, em tudo digna de corresponder à minha estatura avantajada que estás vendo — mas enfim uma «borboleta». E nota tu que durante todo o tempo em que fui borboleta, acitei sê-lo como a coisa mais natural do mundo. Quero eu dizer que não tinha nada a consciência de ter sido outra coisa. Era borboleta e pronto...

Eu ri e comentei:

—Eras borboleta com tanta naturalidade como agora te sentes Malaquias.

—Não, — contrariou ele — E não, porque eu agora sinto que não tenho asas, que não me eleva sobre os prados floridos, que não me emborracho de luz, que não vejo o mundo através dos meus olhos especiais, facetados, de borboleta, que não me apetece pousar nas flores. E a diferença está em que durante o tempo em que fui, «literalmente» borboleta, não me lembrei de ter usado «gabardine», não me apeteceu fumar um cigarro, nem tive como tenho agora, um vigoroso apetite de almoçar. Em resumo eu não era uma borboleta que se chamava Malaquias Raposo. Os meus apetites eram ingenuos, as minhas asas enormes, eram brancas com manchas prateadas. Não se punha para mim o problema de usar bigode como usa, ou cara rapada como tu. Ignorava essas coisas. Eu era simplesmente uma borboleta, «tout court» — entendes? Ignorava tudo o que estou dizendo agora.

Eu interrompi-o, sôma:

—Que demónio, Malaquias! Isso é desvario. Eu achava legítimo que tu sonhasses que eras

qualquer outro bicho. Avantageado e forte como és poderia admitir que sonhasses que eras um leão, por exemplo. O leão é carnívoro e tu também, porque gostas de bifes mal passados, á inglesa. Agora «borboleta» — estou em achar que exageraste.

—Podes crer que não meti para aí, como costuma dizer-se, «prego nem estopa». De repente senti-me borboleta. Lembro-me que contemplei no espelho dum regato, múltiplas imagens de mim mesmo. Vês aquela linda senhora que ali vai passando? Se nessa altura a tivesse visto passar ao pé de mim fugir-lhe-ia e iria pousar, batendo as asas, naquele vaso de flores amarelas que tu vês daqui, na varanda da-quele terceiro andar. Repito-te que era inocente, alado e vegetariano. Para me alimentar bastavam-me a luz, o ar e o pólen das flores. E

RAMADA CURTO

(Continua na 7.ª pag)

OS ROMANCES DE ÁFRICA

«CALENGA»

de Castro Soromenho



Castro Soromenho

mares, por uma noite sem lua — tudo isto que é África, com o seu veu de mistério, os seus deuses invisíveis, os seus enigmas anímicos — nos é dado, com poderoso relevo de sensibilidade, por Castro Soromenho. Sem dúvida, ele é um dos primeiros romancistas de África. Quase se diria que ele se identificou com a raça negra, de tal maneira a sua projecção psicológica, é intensa, vibrante, alucinante. O seu novo livro «Calenga» são dois romances ardentes, vividos em toda a minúcia, onde da caso atinge uma extraordinária força dramática. Não se trata de exotismo, nem de bolos, mas de expressões reais, desenhados com um firme relevo escultórico. Novos tipos e novas paisagens, Castro Soromenho trouxe à literatura. «Calenga», que afirma o talento do romancista, é bem o grito ba-baro e estridente da selva africana.

Combinei contigo as três, vieste às quatro, já dadas. Em que se ocupam vocês que chegam sempre atrasadas?

Fizemos mil coisas loucas em dois dias de carinhos; — Juntámos ontem as bocas, juntamos hoje os trapinhos...

Vê lá tu! A minha rua anda tão triste e sombria, que pensa em morar na tua praça que lhe dês alegria!

Deitaste a perder a vida... Agora vê lá, filha: — Depois da tua perda não queiras perder a minha!

Se rapas as sobrancelhas para agradar ao derviço, lava também as orelhas que ele pode dar por isso...

Nascemos do mesmo coito com diferença de um mês. Mas tu só tens vinte e oito, e eu já tenho trinta e três...

Passo, páro, olho p'ra ela e, nela, o olhar concentro. Ela, então, fecha a janela, mas fica a espreitar por dentro.

Quando a saudade me invade e revivo o que fizemos, até chego a ter saudade de quantas zangas tivemos!

Quando ela canta ou solfeja, vou á janela, a correr, p'ra que a vizinhança veja que não lhe estou a bater...

Não existem frases duras com que eu a não descomponha. Mas que são descomposturas numa cara sem vergonha?

Pois se já te vi na praia e quase nua, porque é



Eça de Queirós, desenho do grande artista Abel Salazar

1 Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. O seu autor, o sr. Dr. Orlando Ribeiro, professor da Universidade de Lisboa, versa com superior competência o cadastro geográfico dos três elementos planetários, orientando-o para novas perspectivas.

2 Da Portugalia «Os melhores contos Indianos», onde estão representados doze autores. É uma revelação da literatura oriental.

“Fruto proibido”

Quadras de Fernando da Silva Tavares, agora falecido, recolhidas do seu livro «Fruto proibido» (1942), único que publicou. Deixou concluído um volume de versos que seu pai, o poeta Silva Tavares, vai editar.

que puxas agora a sáia para não te ver o pé?

Mandei-te três «argentées» para que escolheesses uma. Quiseste as três de uma vez, não apanhaste nenhuma!

Faz-me lembrar quando passa, vaidosa, cheia de «prós», outro tempo em que ia á praça fazer compras á patrão.

Pretendes saber quais são os meus supremos desejos? — Morar no teu coração, encher-te a boca de beijos!

OS NOSSOS CONTOS

Cá se fazem e cá se pagam

por Avelino de Sousa

A Adélia Paredes, era um amor-de-rapariga! Voluntariosa, extremamente malcriada, um tudo-nadinha estúpida, graças a Deus, não por sua culpa, mas por culpa da própria estupidez que nascera com ela, como se fossem gémeas.

Desde pequenina nunca tivera habilidade para nada: Lia mal e escrevia pior, não sabia pegar numa agulha, não tinha jeito para o «crotchet» e ainda menos para bordar... a não ser considerações sobre a vida alheia. Tudo que se relacionava com os serviços domésticos a aborrecia. De modo que, não ensaboava, não esgomava, não varria, não punha uma panela ao lume. Quem fazia todas essas coisas lá em casa era a pobre velha — a mãe — espécie de escrava com quem ela refinava a cada passo, pouco faltando para lhe bater.

Como se vê, a Adélia era um amor-de-rapariga, visto que, em contraposição, tratava bem das unhas e das sobrancelhas, manejava maravilhosamente o baion, saracoteava-se muito bem nas rumbas, nos swings e noutras danças de pretos, e também não se requetava mal nos tangos afrodisiacos. Adorava o luxo e os exageros da Moda, e sobretudo, talvez por infe-

«Livro do Centenário de Eça de Queirós»

com a colaboração de escritores portugueses e brasileiros

Como não podia deixar de ser na bibliografia agora publicada, especialmente aquela que reflecte o carácter, processos de trabalho e conteúdo ideológico do romancista, as opiniões são mais heterogêneas que brilhantes. Diga-se o que se disser, Eça de Queirós não constitui um modelo rico de interesse, um «hor-série» humano como Camilo ou Balzac. A sua vida, de facto, tem a tranquilidade de um lago. Quase se podia dizer que viveu pouco, porque escreveu muito. Aliás, o melhor do seu eu fotografou-o ele, com abundantes pormenores, nos seus livros, dando-lhe entre outros nomes de baptismo literário, os de Eça e Fradique. Sobre as suas ideias filosóficas e políticas é que a contenda anda mais acesa. Não vale a pena puxar tanto pelo cadáver! Leia-se, com tranquilidade, a sua obra, que ela responde, nitidamente, como se o seu autor vivo fosse. Defender a última parte, a bela teoria dos santos, que é o regresso, a peregrinação pelos lugares encantados da Patria, para deixar, na sombra, a primeira fase, a do romancista, no período criador e propulsor da sua acção literária, é uma atitude ilegítima de crítica — que não colhe. Quanto a nós, modestamente, Eça de Queirós foi, sobretudo, um romancista, que não acreditava na sua época, aberto aos grandes ventos do mundo, e de essência, densamente, liberalista. Era em demasia civilizado, viajado e despicente, para se filiar numa ordem política. Vendo as coisas de alto, frisando contrastes, planificando, criticamente, sistemas, Eça de Queirós trouxe-nos um europeísmo vivo e salutar, sem amarras, nem dogmas, que até, nas suas admirações literárias mais persistentes, Hugo e Zola, se denuncia com uma evidência irrefutável. E afinal, o que era a sua escola realista senão inconformismo e revolucionarismo? Evidentemente, não era um militante, mas um dileitante, tanto mais perigoso — porque sabia pensar, escrever e demolir. Todos os «Vencidos da Vida», pelo menos, os mais representativos, foram inconformistas — Oliveira Martins, na história; Guerra Junqueiro, na poesia, Antero de Quental, na sua profunda crise espiritual.

«O Livro do Centenário de Eça de Queirós», organizado por Lucia Miguel Pereira e Camara Reis, com o seu carácter monumental, depoimentos recolhidos no Brasil e Portugal, alguns deles com um carácter de estudo, vem, de facto, preencher uma lacuna na copiosa bibliografia agora vinda a público. Era curioso registar, como se registou, uma opinião panorâmica, da geração actual dos dois países, sobre o grande romancista. Pena é que nem todos os escritores solicitados por Camara Reis acorressem á chamada, não só os que cita, no final da obra, mas os que se presumem, e até outros, como Julio Dantas e Miguel Torga (dois extremos). Mas o que foi recolhido no «Livro do Centenário de Eça de Queirós», numa obra de devoção laboriosa e tão pesada de dificuldades, representa, porventura, o melhor serviço prestado ao génio do romancista, porque liga a mentalidade de dois países, que ele leccionou, por vezes, em talhos de mestre de escola. Entre outros colaboram: Gilberto Freyre, João de Barros, Ferreira de Castro, Alvaro Lins, Manuel Bandeira, Ricardo Couto, Hernani Cidade, Antonio Sergio, Jaime Brasil, Casais Monteiro, Castelo Branco Chaves, Manuel Mendes, Vieira de Almeida, João Pedro de Andrade, Fidelino de Figueiredo, etc.

licidade sua, — era deveras bonita, bem feita, elegante, e... loira por deliberação própria.

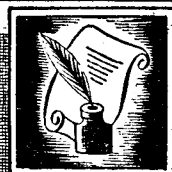
Além de todos estes predicados que a impunham á consideração de outras muito vaidosas balofas como ela, a Adélia Paredes era senhora de um fiozinho de voz um tanto apreciável. E assim, como não tinha jeito para nada, resolveu aprender o ofício de cantadeira de fado.

E' claro que nunca reparou que tinha um belo corpo e esplendidos braços para esfregar casas!...

A Adélia Paredes casara-se com um bom rapaz que era contra-regra de uma companhia de teatro musicado. Chamava-se José de Brito aquele pobre cego de amores que não via senão... Paredes, e que, vaidoso da linda voz da sua Adélia, conseguiu colocá-la num «café» como cantadeira. A rapariga agradou em cheio, o José de Brito impou de orgulho, e, daí a dias, enquanto ele contraregrava lá no teatro, ela, contra todas as regras da decência, ia enchendo-se de joias. E' claro que o José de Brito

(Continua na 7.ª pag)

ROMANCE, POESIA E ENSAIO



CRÍTICA LITERÁRIA

IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS

por
João Pedro
de Andrade

«E o Paraíso voltou...», romance, por Manuel de C. Pereira

O aparecimento de um romance em dois grossos volumes e com intuídos sérios (quero dizer, fora do género chamado popular, que admite numero infinito de páginas), seja qual for o seu valor intrínseco, indica, pelo menos, a par de firme confiança no público, um reflexo do género que permite o tentame de forças para as grandes realizações.

E' possível que o ultimo romance do sr. Manuel de Campos Pereira não atinja literariamente as alturas que o seu autor para ele certo sonhou. Creio, porém, ser esta a primeira tentativa de captar em amplitude algumas das grandes sugestões do nossa trágica época.

Isto dito, experimentemos entrar nos meandros duma produção a que se poderá chamar, sem forçar o equívoco de palavras, singular.

Não é tarefa fácil. O romance «E o Paraíso voltou...» (Agência Editorial Brasileira—Lisboa) é formado de elementos heterogêneos, mas que, uma vez fundidos, deram um bloco que se situa fora do tempo e do espaço, e por consequência nos inibe da forma habitual de construir e fundamentar juízos e apreciações.

E no entanto, esta obra foi inspirada no tempo que decorre e nas aspirações de muitos homens das gerações actuais. Em vez, porém, de ir ao encontro das realidades que forjaram o estado de inquietação dos seus personagens, reflexo da sua própria inquietação, o romancista imaginou e sonhou. Quero dizer, criou no vácuo aquilo que se passava na terra, eliminou fronteiras onde elas se erguem demasiado firmes, construiu uma espécie de arrebamento místico, porventura próprio para seres de poesia e de lenda mas não para figuras de carne e osso como as suas pretendem ser. Isto tudo origina, de início, uma espécie de desentendimento entre a obra e o processo habitual da crítica, que me esforcei por eliminar.

«E o Paraíso voltou...», começa como qualquer outro romance. Numa espécie de prólogo, que se intitula «A Ideia», Campos Pereira dá-nos o seu primeiro personagem dominado pela aspiração da Paz, que há-de tornar-se a certa altura o mobil único da maioria das figuras do romance, e depois o elemento propulsor dos seus actos mais significativos. Logo nestas primeiras páginas se não evita o tom discursivo, e até, para reforço da eloquência, o recurso a variantes gráficas, como itálicos e maiúsculas em profusão.

Temos, pois, que o romancista confessa lealmente no limiar do seu romance, que o fez em prol de uma ideia. E' bem elucidativo o «entusiasmo louco» com que o personagem do prólogo—que desaparece sem que cheguemos a conhecer-lhe o nome—lança ao papel a sua ideia, que é a de uma conspiração pela Paz.

E entramos no romance propriamente dito. A primeira parte intitula-se «A Guerra». Mas, mesmo sem poder jactar-se de experiência própria, qualquer leitor verifica facilmente a irrealidade daquela guerra, não por falta de imaginação do autor (já que não vamos exigir-lhe a observação directa), como por ele estar resolvido a desenvolver uma tese sem que o preocupe grandemente a veracidade dos episódios que servem para ilustrar a demonstração. Aqui a realidade pungente, razão de ser do livro, é a própria existência da guerra. O descrevê-la não cabe nos intuídos do autor.

O tenente Carlos, o operário João e o camponês Eurico não são figuras vivas, porque não se destacam de qualquer realidade iminente. Criou-os a vontade do autor assente em bases teóricas. Por isso pensam de igual modo. As expressões de que se servem não são o bastante para os individualizar. De resto, os seus diálogos versam sobre abstracções. Outra figura, António Herói, oscila entre o humanitarismo dos companheiros e o seu próprio instinto que o levou à guerra como voluntário, mas essa dualidade não chega para a composição do personagem, e a própria intenção simbólica do apelido se perde no decorrer do romance. O lance que introduz na acção Jorge e Paulo toca as raízes do picaresco, e disso as duas figuras se ressentem longamente. A «inimizade» teórica só não obsta à camaradagem completa entre estes e os anteriores, porque não se trata de seres vivos, mas de variantes abstractas dum mesmo princípio igualmente abstracto. A própria diferença de linguas a que discretamente se alude de passagem deixa, com a continuação, de constituir obstáculo. No entanto era Jorge, com o seu ar de iluminado, o que melhor se prestaria a veicular das ideias do autor, se este não preferisse endossá-las a quase todas as suas criaturas com grave prejuízo da sua autenticidade.

Mas não são só os personagens destacantes que se parecem na maneira de pensar. A própria multidão anónima, sempre que ao autor não interessa descrevê-la mais próxima da realidade (como por exemplo na cena da morte de João), reage de maneira idêntica. Os habitantes do burgo que acolhem os desertores dos dois grupos de exercitos parecem-se estranhamente com o bom do general que, sem hesitar, manda hospitalizar uns e repatriar outros.

Mas no livro não aparece apenas gente humanitária. As necessidades da história obrigam de vez em quando à intervenção de seres vazados por modelos mais correntes. Há, por exemplo, um grupo de soldados que não se lembrou de aderir ao inconsequente pacifismo preconizado por Campos Pereira. Mas então o

próprio autor toma partido e ora, falando de um deles, acha que tem «olhos diabólicos» e o compara a «um miserável sem escrúpulos» e «criminoso sem remorsos», o'á, numa generalização rápida e fácil, lhes chama «aqueles celerados». (Note-se que nesta guerra não há perseguições raciais, nem camaras de gás, nem outros requintes modernos). E aparece também o tenente Fred, de modelo mais ou menos prussiano, excepção unica entre todos os suaves guerreiros que conhecemos particularmente, e sobre o qual caem todos os epítetos antipáticos da pena do autor. No entanto, em certo momento, é este Fred o unico que guarda algum senso comum. E' que a tendência discursiva dos personagens de Campos Pereira revela-se até nos momentos menos propícios, como, por exemplo, durante a leva de prisioneiros, em que se trocam aporpositos do mais fino quilate filosófico, e até os soldados do pelotão emitem opiniões transcendentais.

As duas partes intermédias do romance intitulam-se «O Amor e O Trabalho». Nelas se descreve a trajetória de cada uma das principais figuras, acidentalmente reunidas no início. Apenas de longe em longe, por meio de vagas alusões, se evoca a fuga aos horrores da guerra, a deserção, o repatriamento, a situação irregular dos protagonistas. O unico que sofreu as consequências do seu pacifismo foi um de que ainda não falámos, o capitão Rodolfo, não porque isso fosse o mais lógico, mas porque o autor teve conveniência em se desembaraçar desse personagem para se ocupar da sua viúva. A guerra continua, mas os seus rigores sentem-se desigualmente nos diversos países, e que se recolhem os personagens.

A parte passional é a mais elucidativa das qualidades de Campos Pereira. Conheço muito imperfeitamente a sua obra anterior para que possa fazer considerações sobre o seu processo evolutivo, mas julgo estar na presença dum escritor que encontra na descrição das emoções de ordem amorosa o seu campo mais propício. Logo o primeiro capítulo da segunda parte, «Sylvia», se revela com um vigor e um ritmo novos. Depois, embora por vezes se repita o efeito do amor que se extingue, é com interesse constante que seguimos as peripécias dramáticas ou trágicas dos restantes personagens. Trata-se, na verdade de novelas distintas tendo a ligá-las apenas a circunstancia de os seus protagonistas se terem encontrado num campo de batalha. Campos Pereira não atingiu nesta obra as suas ambições como romancista, mas escreveu algumas páginas de novela emocionantes. Se tivesse tido força para resistir à tentação brilhante de descrever uma guerra e de desenvolver o seu programa social poderia dar-nos um livro de contos com a furia belica como motivo próximo ou remoto.

As narativas mais equilibradas são no entanto aquelas de que anda longinqua ou ausente a ideia da guerra. Os casos amorosos de António Herói e de Paulo passavam bem sem guerra, Eleonora e Lucia estão psicologicamente certas dentro da lógica novelística que não é a da vida. Também na narrativa de Carlos a parte anterior à guerra é a melhor. O resto é folhetim. E' certo que o drama das ocupações deve ter originado muitos folhetins por essa desgraçada Europa. Mas aqui mais uma vez a acção é prejudicada pela ausência de dados concretos.

Na terceira parte, «O Trabalho», os protagonistas sofrem da inadaptação ao meio. Seria interessante pôr homens normais vindos da guerra, sofrendo as dificuldades da readaptação a uma estrutura social que, depois de os ter utilizado, os repele. Mas trata-se dos agentes dum idealismo flébil, sem coragem para enfrentar as realidades prementes, e não libertos do recorte convencional que trazem do início. Ou preendem edificar pela renuncia uma felicidade sem raízes na vida, ou se resolvem a agi-sózninhos, sem o impulso colectivo dum grupo, o aplauso dum companheiro ou o conselho de

um amigo. O seu fracasso seria inevitável, ainda que a sociedade que defrontam não mergulhasse raízes na injustiça e no odio. João é morto e vilipendado quando pretende arrazar a fábrica de munições do seu próprio país em guerra. Carlos é acusado de traidor ao recusar-se a matar os usurpadores da sua patria. Eurico é preso por ingenuamente proceder a uma reformazinha agrária nos seus domínios de pequeno proprietário. Jorge é perseguido por ensinar que a esmola é um crime, ao mesmo tempo que vai engrolando versículos da Bíblia.

Campos Pereira vê na guerra uma causa, quando ela é antes o mais desastroso dos efeitos. A guerra gera, sem duvida, problemas sem conta, mas a sua deflagração é já a tentativa de solucionar problemas anteriores a ela. Atribuir a vontade duns tantos o seu aparecimento periódico é adoptar um ponto de vista incompleto, que não pode, por isso, oferecer amplas perspectivas. Assim, os personagens do romance, pretendendo com a sua acção pessoal obstar a continuação dum conflito cujas causas desconheciam ou lhes eram indiferentes, tinham fatalmente de sossobrar ante a maioria.

Na ultima parte, «A Hora», o autor largou as linhas do romance e lançou-se numa pregação caótica e ingênua, em que a transfiguração poética substitue a observancia do real como em algumas visões do velho Hugo, ou, mais explicitamente, nos fechos dos romances da tetralogia inacabada de Zola. O final desmente o titulo do romance. O optimismo de Campos Pereira hesitou em dar-nos o Paraíso prometido e preferiu projectar-se num futuro duvidoso.

Vejo num comentário ao livro, da responsabilidade da casa editora: «E o Paraíso voltou...» não é um romance de guerra. Para o seu autor a guerra é a causa, onde a Humanidade vai buscar os efeitos trágicos da sua existência». Esta afirmação, de tão boa fonte, confirma as opiniões que em mim se foram adensando à medida que prosseguia na leitura. Campos Pereira não sabe descrever quadros de guerra, e não admira que assim seja. A arte dum Remarque, dum Dorgelés, e mais modernamente dum Malraux e dum Hemingway não é decerto gerada, mas é necessariamente estimulada, pela sensação directa da realidade. Nos romances de Malraux há muito de reportagem. Não admira, pois, que um português que nunca foi à guerra não a possa descrever, por muito que, a distancia, lhe sinta os horrores e a tragédia, e se afervore na busca do processo eliminatório do flagelo. Ora onde a arte de Campos Pereira se torna digna de atenção é, como já disse, na descrição de sucessos de ordem passional. A realização duma obra de tão vastos intuídos estava antecipadamente condenada pela desproporção entre a concepção e os elementos de que o autor dispunha para a concretizar—inclusive a latitude do seu poder criador.

O que maior reserva nos merece neste romance é precisamente a sua pretensão de representar uma expressão colectiva. Não há que duvidar, é claro, do desejo de paz que antes e durante a guerra era acalentado pela maioria dos povos conscientes. Sem pretendermos entrar na apreciação de factos que transcendem os limites desta crónica, admitamos que todos os povos desejam a paz. Reduzir, porém, a disparidade de tão simpático e humano desejo e da triste e também humana realidade às proporções simplistas a que o faz Campos Pereira é proceder em função dum idealismo deturpador. Amide as acções interpoladas de romance são suspensas para que o leitor seja posto ao corrente das aspirações comuns aos personagens principais. Então o autor esquece-se de que está transmitindo ideias de outrem e intervém declaradamente com as suas próprias soluções. Fica assim a nu toda a ideologia frágil sobre que assenta o romance, em que entidades metafísicas como o Bem e o Mal, Deus, o Destino, a Verdade, etc., alternam com os articulados dum programa de realizações sociais, entre os quais figura a destruição das máquinas... Ao apontar concretamente as injustiças sociais, o autor não vai além do mero episódio, sem ligação directa com a guerra fantástica, que nos descreve páginas atrás, de cujas causas ignoramos tudo, e cujos interventores se ocultam em espessa bruma. (O autor declara-nos, em advertencia, que não devemos ver no seu livro «um pensamento reservado a realidades coincidentes»). Assim, num livro que não pretende apenas, através dos seus numerosos episódios revelar pequenas verdades, mas sim revelar uma verdade maior procurando atingir a causa transcendente dos males do mundo, o autor não procura denunciar as contradições sociais conduzindo-nos junto dos poderosos, dos ricos ou dos mandantes, para nos dar concretamente o desencontro das suas prepotencias com as aspirações das massas, cotejando a caducidade dos regimes com o florescimento das técnicas, denunciando a paixão politica e sectária independente dos progressos reais da humanidade. Quisesse ele mostrar um panorama do mundo actual através das histórias de amor e dos quadros sociais das duas partes intermédias do seu romance, sem a intromissão de filoso-

fias abstrusas nem a rebusca de causas metafísicas, e resumir-me-ia ao julgamento da qualidade literária do seu cometimento. Mas parece-me licito que o campo da critica se alargue na mesma medida em que o escritor entende poder alargar o seu. Isso me permite manifestar estranheza por Campos Pereira introduzir o elemento biblico e religioso em preocupações temporais que o dispensavam em tamanha profusão.

Referindo-se ás causas laicas do mal-estar dos povos, o autor aponta razões comumente conhecidas e de certo modo superadas: a elasticidade da ideia de Patria e o arbitrio dos dirigentes. As sucessivas paragens de ritmo em que vai atribuindo aos diversos personagens, e por fim à multidão esperançada, as suas próprias ideias, dão com frequencia ao livro um tom panfletário que se projecta, depois, nos movimentos das figuras, numa especie de exaltação que atingiria o épico se a expressão, ao mesmo tempo que vai eliminando o circunstancial, conseguisse ser tão elevada como profunda.

Os largos intuídos do livro explicam só por si o seu relativo insucesso. Era preciso, para o evitar, a par de qualidades de romancista, de psicólogo e de poeta, ter conhecimentos sólidos de sociologia e de história económica que guiassem o escritor na tarefa de traçar vastos quadros da humanidade moderna, com as ansiedades e as contradições essenciais a cada sociedade e a cada individuo.

Campos Pereira mostrou não ser o escritor necessário para ressuscitar a velha noção do romance épico.

Virtudes várias, porém, sobrenadam na ampla superficie das oitocentas páginas do romance. Seja qual for a importância que se deva atribuir, no todo da obra, à técnica ou ao processo, não se deve deixar de citar neste trabalho uma relativa originalidade nos meios de que o autor se serve para traçar as linhas gerais da sua trama aromancica. Poderá haver reminiscências de outros autores no sistema das novelas intercalares que formam o vasto políptico dos dois volumes. Campos Pereira dá, porém, alguma coisa de si próprio. Da primeira parte do romance dimanam os personagens que não de dispersar-se e ter, ao longo das páginas, a sua crónica especial. Na continuação esbatem-se um pouco as fraquezas congénitas do início. Algumas figuras privadas de vida ganham personalidade, à medida que se libertam das reminiscências duma guerra sem suco humano, para meregularem em preocupações mais reais. As mulheres que perpassaram em lembrança na primeira parte têm lá o realce de criaturas de sangue e nervos. Os lances que se desenrolam na volta ao trabalho e à vida—sempre que os personagens conseguem esquecer-se da sua genealogia de fantasmas—testemunham uma sensibilidade de escritor e de homem pronto a vibrar com as injustiças do mundo. A história de Sylvia, apesar do desnecessário e inverosímil desfecho, tem vastas ressonâncias humanas.

A técnica fragmentária só em dados momentos permite ao autor uma prosa analítica. De ordinário, o seu estilo é mais próprio de obra curta, não porque haja nele requintes formais, mas pela sua tendência para a síntese. Frequentemente insinuam-se vocábulos e imagens que revelam descuidos de composição, quebrando os lances de descrição harmónica.

Lapsos e deslizes são levados na fluência de uma prosa descritiva, em que as máculas principais provêm de uma tendência permanente para a obtenção de efeitos fáceis.

O romance de Campos Pereira tem como principal qualidade a coragem de enfrentar, pela primeira vez entre nós, os terríveis temas da nossa época; como defeito maior o de a realização ser ultrapassada pelas linhas gerais da concepção. Mas estamos indubitavelmente diante duma obra que necessitou de muita soma de trabalho e de esforço, e também de aspiração e de sonho, para ser realizada, e isso só por si obriga ao nosso respeito.

JOÃO PEDRO DE ANDRADE

JOÃO GASPAR SIMÕES,
PIERRE HOURCADE,
RAMADA CURTO,
MÁRIO DIONÍSIO,
VIOLENTE CANTO DA MAIA,
ROBERTO NOBRE,
MANUEL CAMPOS LIMA,
JOSÉ CARDOSO PIRES,
FRANCINE BENOIT e
VASCO VIDAL,

são os colaboradores do próximo numero de

«AFINIDADES»

a conhecida revista de cultura luso-francesa

que inicia assim a sua nova serie

Direcção, Redacção e Administração: Tel. 61135—Rua das Praças, 13-A, 1.º.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias—Venero—Sifilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
Telefone 2 9062

E' posto à venda esta semana o 3.º e último volume da maravilhosa trilogia

Cristina Lavransdatter

«A Cruz»

por SIGRID UNDET

Prémio Nôbel

Edição da PORTUGALIA, na colecção

OS ROMANCES UNIVERSAIS

A preparação dos jogadores para o encontro com a R. A. F.

Devido à circunstância de se não ter tornado publico a hora a que se realizaria, hoje, o treino da «equipe militar que vai defrontar o onze da R. A. F.», foram muito numerosas as pessoas que, logo de manhã, acorreram ao Estádio Nacional. A sua expectativa foi, porém, iludida, pois que o treino só se efectuou de tarde. Assim, foram muitas as pessoas que se retiraram, voltando depois, mas muitas foram as que, até essa hora, foram chegando ao recinto do Jamor, sendo avultadíssimo o numero de automóveis concentrados no local.

Todos esses espectadores foram concentrados num sector lateral, que ficou completamente cheio.

Às 14 e 30, estando presentes os srs. tenentes-coroneis Santos Costa e Sacramento Monteiro, respectivamente ministro da Guerra e director geral dos Desportos, o seleccionador militar ordenou que as «equipes» alinhassem, com a seguinte formação:

Seleção—Eduardo Santos; Cardoso e Feliciano; Mateus, Francisco Ferreira e Serafim; Mário Coelho, Quaresma, Peyroteo, Salvador e Rogério.

Estoril (Grupo treinador)—Valongo; Alberto e Eloi, Cassiano, Oliveira e Fragateiro; Lourenço, Cabrita, Mota, Osvaldo e Raul Silva.

O major Ribeiro dos Reis, seleccionador militar, dirigiu o treino, servindo de arbitro o seleccionador nacional, nosso camarada Tavares da Silva.

Na primeira parte, disputada em grande velocidade, registaram-se algumas valiosas defesas de Valongo, alguns «livres» apontados por Feliciano e um potente remate de Lourenço, á trave. Na segunda parte, o seleccionador deu ordem para que Mateus fosse substituído por Barrosa.

Está escolhido o «onze» português

Após o treino, o seleccionador militar indicou, para constituírem a «equipe» que defrontará a da R. A. F. os seguintes jogadores: Valongo, Cardoso e Feliciano; Mateus, Ferreira e Serafim; Mário Coelho, Quaresma, Peyroteo, Cabrita e Rogério.

ASSEMBLEIA NACIONAL

A soberania portuguesa em Timor

Na Assembleia Nacional prosseguiu hoje, o debate acerca da proposta de lei de assistência à agricultura.

Antes da ordem do dia, subiu á tribuna o deputado sr. Teófilo Duarte que, na sua qualidade de antigo governador e de deputado pela colónia de Timor, se referiu á rápida recuperação da nossa soberania, em toda a sua plenitude, impressionando a população indígena e os estrangeiros. Militares, funcionários, missionários e colonos foram em poucos dias espalhados pelo interior, num milagre de energia do governador. Com 150 homens foi ocupada uma área vastíssima e ainda guarnecida por japoneses que ignoravam a rendição. O êxito foi tão absoluto que, á chegada dos contingentes australianos, estes reconheceram que já nada havia ali que fazer. Em nome da Assembleia Nacional o orador terminou saudando todos os que bem mereceram da Pátria, cumprindo o seu dever.

Desafio da R. A. F.

Seleção Militar Portuguesa

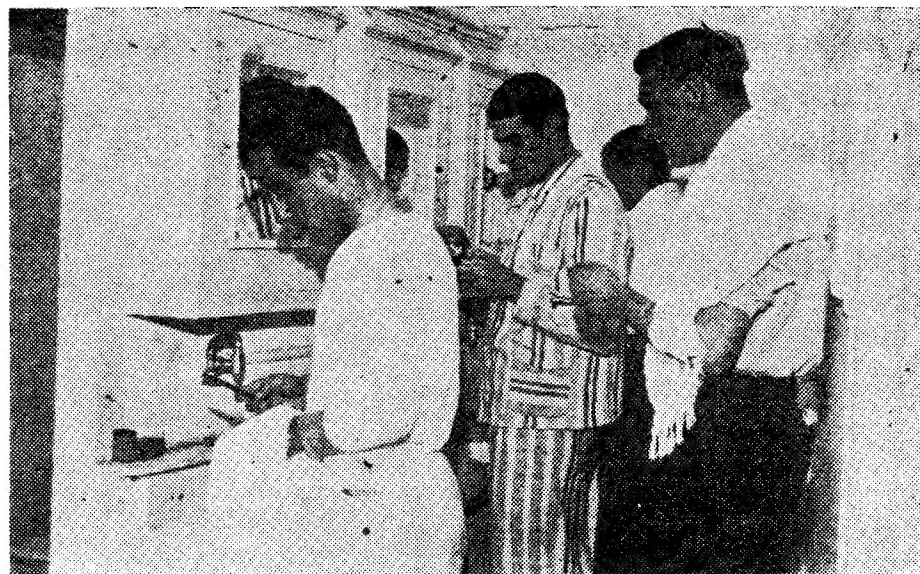
AVISO IMPORTANTE

Os detentores de bilhetes de banca central (Sector Central) filas S, T e U dos numeros 31 a 57 (inclusive) devem ser trocados na Administração do jornal «O Século» por outros do mesmo sector, em virtude dos referidos lugares pertencerem á TRIBUNA DA IMPRENSA, e terem, por isso, perdido a sua validade.

Senhas para parque de automóveis

continuam á venda, além de na Administração do «Século», no Automóvel Club de Portugal, para os seus associados, e na agência A. B. C., Rossio, 16, até a véspera do desafio.

O CARIL Flor de Lotus é insubstituível nas ameijoas á espanhola



Três aspectos do estagio dos seleccionados portugueses para o jogo de futebol com a «equipe» da R. A. F., colhidos, esta manhã, na colónia de férias da Venda do Pinheiro, pelos nossos serviços de reportagem. Os jogadores foram surpreendidos, após o exercicio fisico desta manhã, nos seus preparos de «toilette» e, depois, momentos antes de tomarem lugar no autocarro que os conduz ao Estádio Nacional para o treino desta tarde com o Estoril-Praia

PALÁCIO AZUL

MEIAS DE VIDRO

Nylon Dupont

GRANDE STOCK

Os repatriados de Timor desembarcam em Alcantara depois de amanhã

Está marcado para depois de amanhã, sexta-feira, ás 10 horas, na Estação Marítima de Alcantara, o desembarque do governador de Timor, sr. capitão Ferreira de Carvalho, e dos 350 portugueses repatriados daquela colónia, aos quais o povo de Lisboa vai prestar uma recepção carinhosa e entusiástica, em homenagem ao seu patriotismo e aos horribéis sofrimentos que a ocupação estrangeira daquele território lhes acarretou.

Da organização oficial dessa recepção tomará a iniciativa as comissões concelha e das freguesias de Lisboa da União Nacional e a Liga Nacional 28 de Maio.

A Comissão Central do Socorro Social, informada de que os repatriados não só vêm num estado de grande depauperamento, mas se apresentam muito mal vestidos, distribuirá a todos vestuário, calçado e abafos, e proporcionar-lhes-á um regime especial de tratamento, durante alguns dias, depois do que promoverá e custeará o regresso dos que são da provincia ás respectivas terras.

Durante a sua estada em Lisboa, os repatriados terão entrada livre em várias casas de espectáculos e recintos de diversões.

Como o governador de Timor foi aluno do Colégio Militar, a Liga dos Antigos Alunos daquele estabelecimento convidou todos os seus condiscipulos a comparecerem á sua chegada.

Quando o paquete ainda estiver ao largo, um rebocador do Socorro Social levará fatos, agasalhos, roupas e calçado para 342 dos repatriados.

O estagio destes, para restaurarem as suas forças e receberem o tratamento de que necessitam far-se-á na colónia de férias da F. N. A. T. «Um lugar ao sol», na Costa da Caparica.

Comunica-nos a União Nacional que, na sua sede, se fornecem cartões de acesso, ao local de desembarque dos repatriados de Timor, a todos os seus filiados que o desejarem.

Homenagem ao governador Ferreira de Carvalho

A direcção da Liga dos Antigos Alunos do Colégio Militar pede-nos que tornemos publico o seu convite a todos os ex-alunos para comparecerem no cais, á chegada do «Angola», a fim de saudarem o governador da colónia de Timor, capitão Ferreira de Carvalho, que foi aluno do Colégio.

Roupas para as crianças de Timor

A sr.^a D. Elvira Faria Machado, esposa do consul de Portugal em Tui, enviou-nos, com destino ás crianças mártires de Timor, as seguintes peças de roupa: 5 calções, 6 saias com alças, 8 vestidinhos, 3 camisetas e 12 papagaios. É um gesto digno do melhor registro, tanto pela generosidade de sentimentos que revela, como pelo patriótico significado que tem em vista.

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL ÀS 6 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: As perturbações da Frente Polar movem-se entre a Groenlandia e a Escandinavia. Uma perturbação estável, centrada na região dos Açores, estendendo-se para Leste, deu já lugar a uma, secundária, centrada ao largo da costa Ocidental da Península. Temperaturas: Londres, 8º; Paris, 5º; Lisboa (Monsanto), 11º.

FENOMENOS OBSERVADOS NAS ÚLTIMAS 24 HORAS: Chuva frontal em vários pontos da Inglaterra e nos Açores.

EVOLUÇÃO PREVISTA: A depressão secundária formada ao largo da costa continua a evoluir quase no mesmo sitio, influenciando de maneira moderada o estado do tempo. Por consequência:

TEMPO PROVÁVEL AMANHÃ EM PORTUGAL: Céu muito encoberto e chuva fraca durante parte do dia, principalmente na zona litoral. Vento dos quadrantes de S, moderado a fresco. Alguns nevoeiros. Temperatura sem grande modificação.

(Informação do Serviço Meteorológico do Exército).

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje até ás 16 horas, segundo os registos do Observatório Infante D. Luiz: máxima, 17º 4; mínima, 7º 1. No mesmo dia do ano passado: máxima, 15º 2; mínima, 6º 7.

CAMARA CORPORATIVA

O conselho da presidência da Camara Corporativa distribuiu hoje ás secções competentes as propostas de lei da «Reorganização dos Estabelecimentos do Ministério da Guerra» e «Melhoramentos do Porto de Lisboa».

Uma cidade industrial

nasce às portas de Lisboa

(Continuação da 1.ª pag.)

Para aqueles que têm menos de quarenta anos, o termo de garlopa talvez tenha sabor estingido. Mas nós diremos que eram estes uns senhores «carpinteiros» portadores de grandes planas, por dentro dispostos de uma caixa de zinco, onde o álcool se disfarçava sem mais que nem preocupações.

Parece que a sr. Maria Isabel devia assim prosperar com o seu negócio—mas o caso é que não foi esta a realidade. E a sr.ª Maria Isabel passou a casa ao carpinteiro honrado que era o Francisco Rosa—e da venda não só a memória do nome hoje perdura...

Como nasce uma povoação

Então, a sr.ª Maria Isabel deu em hipotecar propriedades ao crédito predial. Mais tarde, tudo vendeu. E foi seu comprador o velho Jacinto dos carros, que faziam sombra ao «Chorão», até mesmo ali no lugar da Venda Nova e com terras face a face.

Assim começou a nascer uma grande povoação. O Jacinto Gonçalves era homem de muita iniciativa. E, como ali havia muito casebre espalhado por quintas e quintais, onde viviam operários da construção civil que vinham trabalhar para Lisboa—17 casas surgiram por sua inspiração. As rendas iam de 15\$00 a 25\$20 e, logo a seguir, surgiram mais 12 moradias na Travessa dos Salgados, também da sua iniciativa. Isto era aí por 1907 ou 1908. Uma senhora que deixou como recordação apenas o nome de Zenaide, e que era, talvez, de origem brasileira, comprou a Casal Ribeiro uns terrenos de cultura, onde construiu mais um grupo de casas económicas que ficaram com o nome de Bairro do Chameal.

E aqui se põem reticências. A Venda Nova, então, adormecia. Os operários eram sempre mais, fugindo como podiam aos encargos das rendas em Lisboa—mas as iniciativas pararam e tudo parecia que assim devia ficar...

Há males que vêm por bem...

Em 1928, porém, o lugarzinho espreguiçou-se levemente—mas, depois de um pequeno esfregar de olhos, voltou-se para o outro lado de cima e só acordou, definitivamente, em 1940, que foi quando os traços gerais do seu progresso actual se definiram. A Câmara Municipal de Lisboa dificultava a instalação de novas fábricas na periferia da cidade—e, con-

tra este mal, a Câmara de Oeiras lembrou-se de abrir facilidades, permitindo ali o estabelecimento de uma zona fabril.

Assim surgiu, em 1941, a primeira fábrica—a da borracha, que ali funciona em plena actividade.

O pulo foi fulminante: hoje—em quatro anos!—há ali cerca de uma dúzia de fábricas; uma de malhas, uma de curtumes, uma de mosaicos, uma de electrodos, uma de baelite, uma de tubagens, uma de condutores eléctricos, outras de vidros, ampolas, alumínio e garbaldines—todas elas espalhando-se, já, da Venda Nova ao Bairro Rangel.

O Estado instalou ali a Estação de Fomento Pecuario e nas dez ou doze fábricas, trabalham já cerca de 1.500 operários, a debater-se com a falta de abastecimentos, de habitações, de transportes, de higiene, de assistência moral e espiritual.

E' um povo que está a formar-se—e não há quem o enfome!

As mercearias, as casas—tudo nasce por força do acaso ou conforme o critério de cada qual.

Temos as nossas aspirações!

Num lugar de 1.200 a 1.500 fogos, onde o desenvolvimento se faz à base do poder industrial, que só de energia eléctrica consome cerca de 150 contos por mês, sem se reparar que, num percurso de 2 quilómetros e meio—entre o Casal dos Compadres e o Bairro das Cruzes—há apenas duas lampadas, com certeza que muita coisa deve constituir aspiração dos habitantes.

E' a voz de alguém, muito categorizado no lugar, que esclarece a reportagem:

—Temos as nossas aspirações: um plano de urbanização, a questão das águas e a rede de esgotos. Pois, quando chove, toda a região é um Mar Morto: fixação dum preço acessível de água potável—paga-se a 4\$00 o metro, consome-se o mínimo de 5 e leva-se 4\$00 de aluguer do contador; limpeza de arruamentos; construção de dois chafarizes e limpeza e conservação das ruas; um pequeno mercado abastecedor; um lavadouro publico, criação de uma creche, com lactário e posto de puericultura e o prosseguimento da construção do edificio escolar.

Mas, aqui, chegamos a um aspecto crucial: o da instrução de uma enorme população: infantil que não cabe nas velhas e acanhadas instalações do antigo posto escolar, elevado à categoria de escola primária. E foi porque esta realidade criou circunstâncias especiais—a escola não comporta a população escolar e as raparigas chegam a ser preteridas, em benefício dos rapazes—que surgiram cubículos acanhados onde se metem as 40 crianças, mediante uma mensalidade de 15 escudos, onde os filhos das operárias passam mais de metade dos seus dias...

A água é fornecida em tão más circunstâncias que constitui outro grave problema: chegou a pagar-se por 5\$00 cada bilha de 20 litros—e só quem paga de renda de casa um mínimo de 100\$00 tem direito à sua instalação em casa.

—O caso compreende-se—diz alguém que sabe—uma vez que a Câmara de Oeiras, constituída em empreiteira, criou encargos de 1.200\$00 para trabalhos de canalização que lhe ficam num mínimo de 400\$00. Um senhorio que não tira um certo lucro não pode ser obrigado a uma certa despesa...

—E a Câmara de Oeiras poderia com a despesa de tamanhos melhoramentos, como os enunciados?

—Mil e setecentos contos recebeu em prestações, pelo Fundo do Desemprego. Além disso, sabe quanto ela cobra por cada metro quadrado, vendido na zona industrial? Dezoito escudos sobre o preço da compra...

Com um tão grande remanescente e um estímulo tão assinalável do lado particular, não será justo reclamar para esta futura «Manchester do Sul» uma protecção e um caminho a que o seu povo não está habituado?

A vida romaneca

DE TEIXEIRA GOMES

Urbano Rodrigues conta, no numero do «Vê e Crê» agora posto á venda, um interessante episodio ocorrido em Londres com o illustre diplomata e artista. Entre outra colaboração literária, «Vê e Crê» publica um soneto de Americo Durão, um artigo de Rocha Martins, contos de José Ribeiro dos Santos e Abel Manta e um capitulo do proximo livro de Carlos Olavo.

Bonitas Palavras

Não Engordam Ninguém

Usar JOIAS falsas não embelezam e são sempre um valor perdido.

Compre verdadeiras na

Grande Ourivesaria da Moda

257, Rua de Prata. (Esq. de Santa Justa)

A historia

da França

resumida

numa colecção de medalhas e moedas

Em colaboração com a Casa das Moedas e das Medalhas de Paris, o Museu Nacional de Arte Antiga organiza uma exposição, que se inaugura no próximo sábado, às 16 horas, de moedas e medalhas antigas e modernas francesas.

A «Monnaie Royale des Médailles» foi fundada por Henrique III, no século XVI, que a instalou na ilha de Cité, no centro de Paris. Depois, em 1639, foi transferida para o palácio do Louvre, onde ficou até à Revolução francesa. Napoleão modificou-lhe a organização e, em 1832, a «Administration des Moedas e Medalhas» fundiu-se com a «Casa da Moeda» a nova instituição instalou-se definitivamente no actual Palácio da Moeda, de Paris.

Todas as colecções de cunhos antigos foram reunidas e conservadas no Museu da Moeda.

A exposição que se vai realizar no Museu Nacional de Arte Antiga, destina-se a apresentar ao publico português uma parte daquela magnifica colecção. As medalhas mais antigas que temos ocasião de admirar datam do reinado de Carlos VII (século XV) e as mais recentes foram cunhadas em Paris nos ultimos meses (Medalha da Resistencia, Cruz da Libertação). A exposição está organizada de maneira a dar um aspecto panoramico da História de França, por meio de medalhas comemorativas de grandes acontecimentos coroação de reis, batalhas, alianças, conquista de cidades, vitórias, tratados de paz, etc.

Apresenta, por outro lado, medalhas cunhadas em homenagem a personagens célebres, quer no dominio da politica, como Clemenceau, Foch, Roosevelt, De Gaulle, etc., incluindo uma notavel medalha do rei português D. João V; quer no dominio da literatura, como Montaigne, Molière, Balzac, Goethe, etc.; quer no das artes plasticas, como Carpeaux, Watteau, Fragonard, ou da musica: Beethoven, Debussy, Ravel, e também da ciência: Pasteur, Calmette, Pierre e Marie Curie. E de notar ainda uma interessante colecção de medalhas religiosas: medalhas de Pio XII, medalhas das missões, etc.

Mas a colecção não reveste apenas caracter historico. A Casa da Moeda de França cunha, desde os fins do século passado, medalhas e «plaquettes» de luxo, gravadas pelos melhores artistas contemporaneos. O tema escolhido é muito variado: animais, agricultura, belas artes, colónias, comércio e industria, cidades, monumentos, flores, desportos, condecorações, etc.

A exposição, que se realiza no Museu Nacional de Arte Antiga, de Lisboa, e que reúne um conjunto de mais de mil medalhas, vai, por certo, despertar o interesse dos meios artisticos da capital.

Chega amanhã ao Tejo um cruzador sueco

em viagem de instrução de cadetes

PENICHE, 13.—(Pelo telefone).—Ontem, de madrugada, fundeu, diante deste porto, o cruzador sueco «Fylgia» que, sob o comando do barão Ranel, anda em viagem de instrução dos cadetes do 1.º ano.

O «Fylgia» vem em rota directa da Suécia e seguirá esta madrugada para Lisboa.

A oficialidade veio a terra apresentar cumprimentos ás autoridades, tendo o comandante visitado, acompanhado do capitão do porto, 1.º tenente sr. José da Mota Coutinho Garrido, a vila e as industrias locais.

A tarde, a banda de bordo deu um concerto no jardim publico, sendo muito aplaudidos todos os numeros.

Alguns officiaes aproveitaram a tarde para jogar uma partida de ténis no campo de jogos da Câmara Municipal e os sargentos e praças fizeram um treino de futebol no campo de jogos do Grupo Desportivo de Peniche.

O «Fylgia» é um cruzador de 4.300 toneladas, recentemente modernizado. Mede 115 metros de comprimento.

O Vesúvio

entrou em actividade

ROMA, 13.—O Vesúvio, depois de ter estado dois anos inactivo, parece ter despertado para outra grande erupção, segundo informa a agência noticiosa italiana «Ansa». Durante o dia, o vulcão tomou o aspecto de um gigantesco «geyser», lançando, de tempos a tempos, nuvens de fumo, enquanto as proximidades da cratera são abaladas por explosões subterrâneas. A ultima erupção do Vesúvio, em Fevereiro de 1944, deixou sem abrigo milhares de pessoas.—(Reuter)

EM 3 LINHAS

Faz hoje 27 anos que foi restaurada a Republica no Porto, onde Paiva Couceiro, com a sua «Junta Governativa do Reino», detivera o Poder durante 25 dias.

///

O paquete «Nyassa», que conduz tropas de regresso de Moçambique, deve chegar amanhã ao Tejo, depois de se ter encontrado com o «Angola» já próximo da costa portuguesa.

///

A organica do plano de urbanização do Porto foi considerada deficiente, e vai ser estudada a referma do mesmo plano.

///

O «Angola», o terceiro navio deste nome da Nacional, e que, quando era belga (1925), se chamava «Albertville», já não sairá mais do Tejo com aquele nome. Passa a ser «Nova Lisboa». O futuro «Angola» terá 17.000 toneladas.

///

Um processo de fazer negócio: «Ofereço duas bancadas laterais para o jogo da RAF a quem empreste 500\$00, a tres meses com juro». (De um anuncio de hoje).

///

A animadversão pela presença, no antigo Loreto, de um monumento ao poeta Chiado (e não pela obra de arte), já chegou ao Porto, em crónica, que defende a ideia de uma estátua a Garrett, no local.

///

A propósito lembramos que a denominação de «Chiado» dada á grande artéria que é hoje a Rua Garrett—não deriva de consagração ao poeta dos autos, mas da alcunha de um vinhateiro. Gaspar Dias, que (em 1560) teve loja lá ao fundo.

///

O major de aeronautica Sergio da Silva foi nomeado sub-director do aeroporto de Lisboa.

///

Foram exonerados, com louvor da comissão administrativa da Federação dos Industriais de Lanifícios, os dres. Ubaldino Chaves e Judice da Costa, e o industrial Luis Casanovas.

///

A «Cerâmica de Campolide» estará encerrada uns dias. Parece que—e em contrario do que correu há tempo—voltará a produzir também faiança artistica.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Electuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	1.000\$	—	1.000\$
Consolidado 3 % T. 10	1.023\$	1.022\$	1.024\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	—	1.072\$	1.075\$
Consolidado 3 3/4 T. 10	1.012\$	1.012\$	—
Centenários 4 %	2.510\$	2.508\$	2.512\$
Obrigs T. 2 1/2 1942	1.012\$	—	1.013\$
Externas 1.ª série	—	1.890\$	—
Externas 1.ª carimbadas	—	—	1.900\$
Externas 3.ª série	—	1.945\$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.790\$	—
Caut. da 3.ª série s/juro	296\$	295\$	297\$
Ações			
Esp.St.º e Com.L.ª port.	—	2.855\$	2.880\$
Lisboa e Açores por...	—	1.110\$	1.140\$
Ultramarino cp. I. p...	879\$	879\$	879\$
Portugal port. T. p...	—	1.740\$	—
Mundial	—	1.640\$	1.650\$
Sagres	—	—	2.000\$
Agua Lisboa port...	—	—	225\$
Agua Lisboa 1913 T.p.	—	222\$	226\$
Agua Lisboa 1936 T.p.	—	220\$	—
Cimentos Tejo	670\$	—	670\$
Cimentos Leiria T. p...	525\$	—	540\$
Crédito Predial port...	—	25\$	26\$
Gás e Electricidade cup...	337\$	337\$	338\$
Alto Alentejo cupão...	739\$	738\$	739\$
Industrial Aliança ...	424\$	422\$	424\$
Portugal e Colónias ...	282\$	281\$	282\$
Nacional Naveg. T. p.	1.038\$	1.031\$	1.040\$
Colonial Navegação ...	—	1.300\$	1.310\$
Portug.ª de Pesca T. P.	—	920\$	—
Port.ª de Tabacos cupão	582\$	582\$	585\$
Tabacos Portugal cupão	—	675\$	690\$
União Eléctrica port...	750\$	749\$	751\$
Casseque	1.149\$	1.149\$	1.150\$
Agrícola das Neves ...	—	770\$	800\$
Agricultura Colonial ...	542\$	540\$	543\$
Açúcar de Angola ...	2.385\$	2.385\$	2.388\$
Buzi	214\$	214\$	214\$
Ilha do Principe	—	640\$	690\$
Zambézia T. de 25 ...	119\$	118\$	119\$
Obrigações			
Norte de Portugal 5%	—	—	114\$
C. P. 6 %	182\$	180\$	183\$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	200\$	—
F.N.I. Moagem 5% T.p.	—	1.020\$	1.030\$
União Eléctrica 4 1/2...	—	109\$	—

VICTOR GONÇALVES, L.ª DA

CAMBISTAS

Moeda estrangeira, ouro, papeis de crédito. R. do Ouro, 152.—Tel. 26558—Teleg. Torgon.

Uma heroína be'ga

condecorada pelo rei Jorge VI

LONDRES, 13.—Foi recebida hoje no palácio de Buckingham, em Londres, pelo rei e pela rainha, para ser condecorada com a Medalha do Rei Jorge, «mademoiselle» Andrée De Jongh, de 25 anos de idade, uma rapariga de Bruxelas que desempenhou um papel heroico ajudando a regressar a Inglaterra muitos aviadores aliados que fizeram aterragens forçadas na Bélgica durante a guerra. Numa outra cerimónia, «mademoiselle» De Jongh, que era acompanhada por sua mãe, recebeu como dádiva, pelos seus heroicos actos, um relógio que pertenceu a um bombardeiro da R. A. F., dádiva feita pelo secretário britânico do Ar, visconde de Stansgate.—(R.).

A Polícia entrou

de lanternas acesas num cano de esgoto para apreender um furto

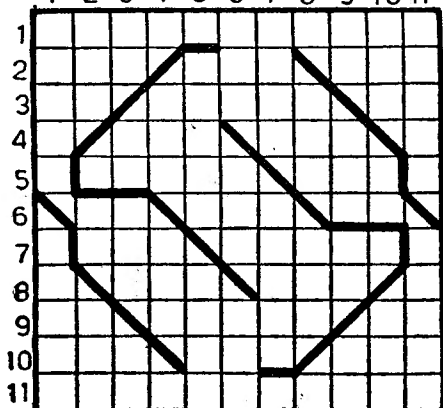
Eduardo Antonio Rodrigues Teles, o «Monhé», e João Barradas Mourão, o «Máquina Falante», ambos com várias prisões por furto, dedicavam-se, ultimamente, ao furto de pneus e rodas de automoveis. A secção de Justiça da P. S. P. pôs-se em campo para a descoberta dos autores dos furtos e, ao cabo de várias diligências, conseguiu prender os referidos indivíduos. Foram-lhes apreendidos vários artigos furtados, que foram entregues aos queixosos. Alguns desses artigos, entre os quais dois pneus, tinham sido escondidos num velho cano de esgoto, no Rio Sêco, onde os larapios guardavam os furtos.

Os agentes entraram no referido cano munidos de lanternas, onde foram encontrar diversos furtos, não obstante alguns terem ficado intoxicados devido ás emanções de gases. Na referida secção encontram-se dois pneus que ainda se não sabe a quem pertencem. Os presos vão ser enviados á Policia Judiciária.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1229

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Deus grego do silêncio. 2—Levante. Tempo do verbo ser. Nome de mulher bíblica. 3—Observei. Arvoredo frutífero. Alternativa. 4—Chega. Desacompanhados. 5—Moradas. Pátria. 6—Preposição. Ponto cardinal. Pronome reflexo. 7—Preposição que designa exclusão. Brisas. 8—Pelos de certos animais. Gracejas. 9—Conceda. Carimbam. O mais. 10—Oké. Nome duma letra (pl.). Eiró. 11—Caminhassemos com velocidade.

VERTICAIS: 1—Porto importante da França na foz do Sena. Região da França célebre pelos seus vinhos. 2—Naquela lugar. Estás. Gavinha. 3—Popa. Ande. Doçura. Ceu. 4—Pretextos. Obstáculo. 5—Adições. Número digitado. 6—Em companhia de. Pronome possessivo. Vês. 7—Arterias. Tocas de coelho. 8—Lista. Viscera dupla. 9—Pronome pessoal. Sadias. Campeão. Prefixo de negação. 10—Eternidade. Nota musical. Círculo. 11—Brinde. Estampilhas.

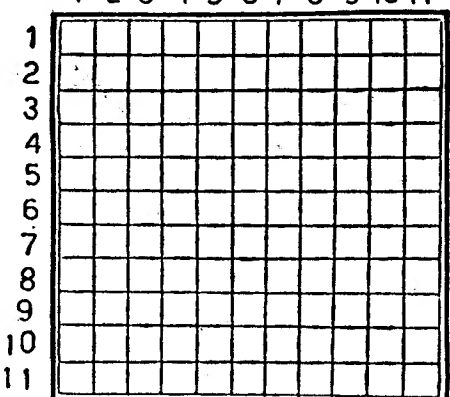
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1228

HORIZONTAIS: 1—Horn. Apór. 2—Ova. Ali. Ela. 3—Rosada. Valer. 4—Sova. 5—Ah! Rá. Ata. 6—Prima. Frase. 7—Olá. Au. Sá. 8—Acre. 9—Errei. Homero. 10—Lei. Mas. Mil. 11—Aios. Caso.

VERTICAIS: 1—Hora. Pela. 2—Ovo. Aro. Rei. 3—Ras. Hilário. 4—As. Má. 5—Adora. Im. 6—Clava. Achar. 7—IV. Furos. 8—Ar. Em. 9—Pelotas. Ena. 10—Olé. Asa. Ris. 11—Rara. Polo.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 199

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Jazigos. 2—Canteiro de jardim. Dá uivos. 3—Tornemos a atar. Artigo definido (ant.º). 4—Devastas. Batráquio. Em o. 5—Semelhança. Poemas. 6—Narrativas populares em verso. Eial. 7—Letra grega (pl.). Vozes de gato. 8—Pequenos buracos. 9—Empregar. Nessa coisa. 10—Plantas hortensias cujo bolbo se emprega como condimento culinário. Catedral. 11—Diminuição do sangue ou dos seus elementos vivificantes no organismo. Nesse lugar.

VERTICAIS: 1—Concelho do distrito de Santarém. Certa. 2—Limparamos com areia. 2—Verdadeiro. Velas. 4—Apontamento. Procederam. 5—Pronome pessoal (pl.). Iniciais que designam a força aérea inglesa. Vi. 6—Compareciam. Pequena casa. 7—Rezas. Remo para trás. 8—Atrever-se. Sacrifício do sangue e do corpo de Cristo oferecido no altar pelas mãos do sacerdote. 9—Nota musical. Haveres. 10—Tóxicos. 11—Que têm calos. Existe.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 198

HORIZONTAIS: 1—Bacante. 2—Barão. Ama. 3—Alas. Idades. 4—Cá. Canadas. 5—Ai. Aradas. 6—Nordico. Tu. 7—Sumi. Atar. 8—Em. Roo. Tiro. 9—Emas. Tomar. 10—Ora. Comoda. 11—Salmos. Oras.

VERTICAIS: 1—Bacante. Os. 2—Balaio. Mera. 3—Ara. Rs. Mal. 4—Casadura. 5—Ao. Arimos. 6—Inácio. Cs. 7—Andado. To. 8—Ada. Atomo. 9—Tidas. Timor. 10—Emes. Tarada. 11—As. Auroras.

PAPAVICAL
O melhor reconstituinte

"55" o Batom da Moda
é maravilhoso



**Nervosos!
Esgotados!**

O excesso de trabalho, as preocupações, a vida dinâmica, produzem um desgaste no seu sistema nervoso, a parte mais nobre do organismo. Os nervos cansados são responsáveis da sua fadiga e depressão, da sua falta de memória, da sua excitabilidade. Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

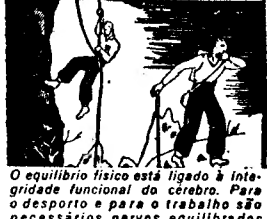
Depois de um breve tratamento com 4 comprimidos diários, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos.

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



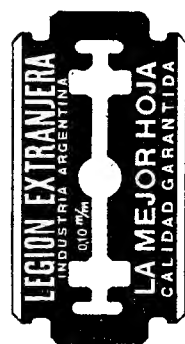
DANCE

ao som
das
melhores
orquestras
do Mundo

O novo discofone com mudança de automática de 8 DISCOS GRANDES OU PEQUENOS permite uma audição de 45 minutos de música sem qualquer intervenção manual.

Vendas a prestações a 3, 6, 9 e 12 meses

Est. VALENTIM DE CARVALHO - R. Nova do Almada, 97



CHEGARAM

AS MELHORES LAMINAS PARA BARBEAR

Legião Estrangeira

(DA ARGENTINA)

em aço azul de 10 mm com ranhura. Qualidade garantida que se vende ao público nas casas da especialidade, a \$80

Única casa revendedora:

SALZBERG & ALT, L.ª

Rua dos Sapateiros, 44, 3.º

Telefone 23032

LISBOA



UM BOM TAPETE É UM CAPITAL QUE DURA TODA A VIDA
COMPRE UM BOM TAPETE NA

Manufatura de Tapetes de Lisboa

LARGO DA MISERICORDIA, 18/19

Instruções sobre transporte
em caminhos de ferro

I—Passageiros da estação do Cais do Sodré: Serviço especial directo à estação do Estádio, e vice-versa, em 13 minutos.

A—IDA—

Combóios especiais às 9 e 30, 10 e 06, 10 e 42 e, a partir das 11 e 18, com intervalos de cerca de 7 minutos, até às 14 e 47. O ultimo comboio sairá às 15 horas.

B—REGRESSO

Combóios especiais desde as 16 e 57 até às 20 e 05. Em caso de necessidade este serviço poderá ser prolongado.

C—BILHETES

Preço e condições regulados pelo respectivo Aviso ao Público:

a) Bilhetes especiais de ida e volta, preço 4\$00, independentes de classe, à venda na estação do Cais do Sodré, a partir de hoje.

b) Nos comboios especiais não são válidos quaisquer outros bilhetes ou documentos.

c) Para comodidade dos passageiros e rapidez do serviço—e ainda pela grande dificuldade de trocos—devem ser entregues as importâncias exactas dos bilhetes comprados.

d) Também para comodidade e rapidez deve, à entrada das plataformas, cada pessoa vir munida do seu bilhete. Não trazer uma única pessoa os bilhetes de um grupo.

D—ENTRADAS NA ESTACÃO DO CAIS DO SODRÉ

Pelo vestibulo grande e pelos que lhe ficam à direita—portas assinaladas superiormente com o letreiro «ESTÁDIO»—Embarques nas linhas 1 e 2 (as da direita).

E—NA ESTACÃO DO ESTÁDIO, no regresso

Passageiros com bilhete—Entram pelas portas laterais que abrem directamente para a estrada do Estádio.

II—Passageiros procedentes das estações de Santos a Alge:

A—IDA

Quem pretender embarcar nestas estações só o poderá fazer nos comboios normais, desembarcando na estação da Cruz Quebrada, directamente para a praia, seguindo depois por debaixo do pontão a caminho da Estrada Marginal.

B—REGRESSO

O embarque destes passageiros só se poderá fazer na estação da Cruz Quebrada, e utilizando apenas os comboios normais.

C—BILHETES

Estes passageiros devem, à ida, munir-se logo de bilhete de ida e volta.

III—Passageiros procedentes das estações de Cascais a Cascais:

A—VINDA

Pelos comboios normais que partem de Cascais às 11 e 06, 12, 00, 12 e 38 e 14 e 10, e que efectuarão paragem na Cruz Quebrada, respectivamente às 11 e 38, 12 e 31, 13 e 28 e 14 e 41.

B—REGRESSO

Pelos comboios normais que partirão da Cruz Quebrada às 17 e 40, 18 e 40, 19 e 10, 19 e 50 e 20 e 10.

C—BILHETES

Como o acesso à plataforma Sul não se pode fazer pela estação da Cruz Quebrada, devem os passageiros munir-se de bilhetes de ida e volta nas estações de origem.

D—NA ESTACÃO DA CRUZ QUEBRADA

No regresso, tomar o caminho que nasce na Estrada Marginal e que vai passar por baixo do pontão para o lado da praia, virando depois à esquerda e subindo para a plataforma de embarque (que é a do lado Sul).

Leiam às quintas-feiras o jornal humorístico
SEMPRE FIXE

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 2.ª pag.)

o meu desejo era aproximar-me do sol para me abraçar na sua luz...

Malaquias calou-se, fixando um ponto vago no espaço, com um sorriso enlevado. Eu alhava-o cheio de curiosidade. E' assim que se começa em certas psicoses, não é verdade? Lembrei-me de quando há muitos anos visitei, com um amigo que era psiquiatra, um hospital de alienados, de ter visto entre os loucos, um que era pendula de relógio e se bamboleava encostado á parede, e outro que se sentia bule, punha uma das mãos na cinta, arredondava o braço a fazer de asa e com o outro braço estendido e curvo que era o bico do bule, oferecia chá a toda a gente.

Estaria Malaquias maluco?

Ele percebeu no meu olhar a dúvida que me preocupava e disse-me com muita serenidade: —Não, doido não estou. O que me sinto é perplexo, indeciso, porque não obtenho resposta a uma interrogação que faço a mim próprio sem lhe encontrar solução. Que te parece? Tei eu acordar?

—Acordar?—fiz eu, sem perceber o alcance da pergunta.

E ele elucidou-me, impaciente:

—Sim, homem, acordar! E' fácil de entender por quem não fôr estúpido! E' que eu não sei se, na verdade, sou um homem que sonhou que era borboleta ou se, ao contrário sou uma borboleta que está sonhando que é homem. Podes tu arrancar-me dessa perplexidade?

Não o arranquei. Convenço-me de que qualquer dia o vou ver a uma casa de saúde.

Ou, quem sabe, se o não verei, de asas abertas, espetado com um alfinete numa colecção de borboletas?

R. C.

Cão

Fugiu dia 9 Fox, branco, cabeça preta e castanha, sofrendo doença de pele. Dá pelo nome «Boby». Gratifica-se quem o entregar. Rua Maria (aos Anjos), 51, rés-do-chão, dir.

Amadeu Gomes da Fonseca
FALECEU

Victória Cunha da Fonseca, seus filhos, irmãos, cunhados e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido e chorado marido, pai, irmão, tio, cunhado e parente, cujo funeral se realiza amanhã, 14, pelas 15 horas, da sua residência—Rua Luciano Cordeiro, n.º 105, 1.º—para o cemitério do Alto de S. João.

AGENCIA "AGNO"

Amadeu Gomes da Fonseca
FALECEU

O PESSOAL DA CASA DAS CHAVES participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu saudoso patrão, cujo funeral se realiza amanhã, 14, pelas 15 horas, saindo da Rua Luciano Cordeiro, 105, 1.º, para o cemitério do Alto de S. João.

Amadeu Gomes da Fonseca
FALECEU

FONSECAS, L.DA (Proprietários da Casa das Balanças) participam a todos os seus amigos e clientes o falecimento do saudoso irmão dos nossos sócios srs. Raul Gomes da Fonseca e David Gomes da Fonseca, cujo funeral se realiza amanhã, 14, pelas 15 horas, saindo da Rua Luciano Cordeiro, 105, 1.º, para o cemitério do Alto de S. João.

CHÁ das CINCO

HOLLYWOOD

—Consta-nos que as nossas cinefilas e cinefilos vão ficar entusiasmados com o novo par formado por Ingrid Bergman e Gary Cooper.

Jogue sempre na
Casa Costa
75, Rua de S. Paulo, 77

Talvez não saiba...

... que em 1884 foi patenteada a primeira caneta de tinta permanente. Nos primeiros 4 anos apenas se venderam 9.000; mas em 1912 atingiu-se um milhão!

Tome o seu chá
no Salão do café Chave d'Ouro
Fernando de Carvalho e a sua
orquestra de variedades.

David-Joalheiro

Jóias—Pratas—Relógios
281—Rua da Prata—83

SORRISO

Uma senhora encontrando a criada a beber uma garrafa de vinho exclamou: —Francamente, Maria, estou admirada! E eu também. Julgava-a ainda deitada!

LEMBRE-SE...

— que a Camisaria Moderna lhe engoma por \$50 o seu colarinho apenas em 3 dias.
Rosário, 110

Nos cabelêreiros Viriatos

... conseguem-se verdadeiras maravilhas em tratamentos eléctricos contra a queda do cabelo, executados pela massagista Madame Garibaldi.

Rua da Vitoria, 53, 1.º

Imperatura... e casacos de seda!

Na China, dia quente é dia de um casaco; dia fresco é dia de 3 casacos; e os dias frios são dias de 9 casacos!

Candieiros de Cristal

Antes de comprar deve V. Ex.ª confrontar qualidade e preços na casa
Claudino Pinto & C.ª, L.d.ª
Rua dos Anjos, 77-B-C-D

Pirinha Peitoral «Franco»

QUELTA LADA)
Mais de 50 anos de verdadeiro
sucesso.

Malhas para homem

Secção especializada
GRAVATARIA PARIS
Rua do Ouro, 172

BOA SAUDE!

—Quem é aquele sujeito que cumprimentaste?—E' um doente a quem trato há 22 anos.—Safal! Deve ter uma saúde de ferro!

Quando será?

Com a efectivação das obras na Baixa, a Rua da Palma ficará com mais 5 metros de largo do que a Avenida Al. Reis.

Grémio dos Industriais de Transportes
em AutomóveisAVISO AOS INDUSTRIAIS DE TRANSPORTES
DE ALUGUER EM AUTOMOVEIS PESADOS

Para rigoroso cumprimento por parte dos Senhores agremiados que exerçam a industria de transportes de aluguer em automóveis pesados de carga, comunica-se que a Direcção do Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis, em sua reunião extraordinária realizada em 12 do corrente, depois de, precedendo inquérito, haver averiguado que o Senhor MANUEL F. FERNANDES, com agência de transportes na Avenida Elias Garcia, 85, em Lisboa, está usando de processos que conduzem a concorrência desregrada entre os agremiados e que, portanto, se reputam assaz perniciosos para a economia dos transportes de carga em automóveis pesados, apesar de se não tratar de um industrial, ao abrigo do disposto nos artigos 7.º, 8.º, alínea j) e 19.º, alínea b), do Decreto n.º 32.015, de 13 de Maio de 1942, deliberou proibir todos os agremiados da 2.ª Secção (transportes de aluguer em automóveis pesados) de fazer quaisquer transportes por conta e ordem, ou sob qualquer forma de ligação com o referido Senhor MANUEL F. FERNANDES.

O não cumprimento desta determinação sujeitará os infractores ás penas cominadas no artigo 51.º do citado Decreto n.º 32.015, entre as quais se conta a eliminação e, por consequência, a interdição do exercício da industria.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1946.

A DIRECÇÃO.

RELÓGIOS DE CATEGORIA

TORROAES

(RELOJOEIRO DE CONFIANÇA)
123 — Rua da Prata — 131
TELEFONE 24210

Jóias — Pratas antigas

Compramos sempre por bom preço

BARRETO & GONÇALVES, L.ª

AVALIADOR OFICIAL

17, Rua Eugénio dos Santos, 19

OS NOSSOS CONTOS

(Continuação da 2.ª pag.)

ignorava a procedência de todo aquele luxo, atribuindo-o, possivelmente, ao tacto económico da sua querida Adélia!

A cantadeira, porém, criara nome e, certo dia, dissera ao marido com arrogância:

—Ouviste?... Vê se falas ao teu empresário. Eu quero entrar para o teatro! As que lá estão, não são mais do que eu!

O José de Brito, falou. O empresário, homem novo, foi ouvi-la ao «café», e gostou. A Adélia foi imediatamente contratada para cantar o fado á guitarra na revista «Sete alfaiates»...

Pintou-se um cenário próprio, fez-se «reclame» retumbante, e a rapariga foi entusiasticamente aplaudida. Cochichava-se então, á boca pequena, que entre ela e o empresário se criara uma situação especial. O José de Brito, porém, não sabia nada a tal respeito.

O negócio teatral caminhava bem e a empresa resolveu fazer uma digressão ao Brasil, levando também a Adélia. A sua vaidade subiu de ponto, e o pobre José de Brito sentia um orgulho incomensurável por mais aquele êxito da sua mulherzinha!

O barco singrava sobre as ondas glaucas sulcando o Atlântico, e a Adélia, sempre desejosa de «subir», conversava demoradamente com o primeiro actor, e, o comissário de bordo, também a «distinguia» com as suas atenções. Murmurava-se, mas o José de Brito ignorava tudo. Chegou, porém, um dia em que a corista Gracinda, disse com certa indignação ao contra-regra:

—Olha lá, ó José de Brito, tu és cego?! Não vês o procedimento escandaloso da tua mulher?!

Formalizado, o rapaz respondeu:

—Lá vens tu com as intrigas! Vocês o que têm é inveja da sua categoria e da maneira como ela, em pouco tempo, tem sabido subir!

—A isso, chamo eu subir para baixo!—respondou a Gracinda com uma gargalhada de escarneo.

Dali por diante, porém, o pobre José de Brito não conseguia sossegar nem de noite, nem de dia. A dúvida cruciante e teimosa penetrava-lhe no espírito e, como a lamina aguda de um punhal, enterrava-se-lhe no coração.

Fazia pena! Já o tinham surpreendido a chorar pelos cantos numa angustia indescritível. Ela, quando o soube, comentou descaradamente:

—E que me importa a mim que ele chore?..

Não prosseguiu, todavia, nos seus cinicos comentários porque acabava de avistar o marido a pouca distancia, tristemente encostado á amurada com os olhos fitos no mar. E' que ele informara-se, espertara, adquirira a certeza. Finalmente, soubera tudo!

Anoitecera. E então, cortando o silêncio nocturno, ouviu-se este grito alarmante:

—Homem ao mar!

Todos acorreram de tropel. O pobre José de Brito, de um salto, atirara-se pela borda fora, e as ondas abriram-se para o tragar. Terminara a sua angustia.

A bordo todos choraram comovidamente pelo infeliz contra-regra, e aquela dor era sincera. Fora sempre um bom camarada. Bom, até demais!...

A Adélia encerrou-se no seu camarote durante o resto da viagem, só aparecendo na tolda no momento do desembarque. A má nova chegou a Lisboa, a velha mãe pos huto pesado e chorou uma lágrima de saudade pelo genro, reconhecendo com amargura a leviandade da filha.

* * *

Seis meses depois, quando a companhia regressou, a velhota que esperava no cais, perguntou á Gracinda:

—E a minha Adélia?..

—Ficou no Rio.

—E o que faz ela por lá?..

Estoicamente, a corista, ripostou:

—Anda pelos clubes. Tem um homem que

come bem e que lhe trata da saúde! Não vê

vocêmes que, José de Brito, houve só um!

Então, a pobre mãe, enxugando uma lágrima, murmurou:

—Cá se fazem e cá se pagam!..

A. DE S.

«Grupo dos Josés»
Assembleia Geral

Por ter sido publicado incompleto, novamente se publica o aviso de:

CONVOCAÇÃO

Convoco para o dia 22 do corrente mês de Fevereiro pelas 21 horas e meia, a Assembleia Geral Ordinária do Grupo «Os Josés» a qual terá lugar na Sala do Clube Estefania, Rua de D. Estefania, n.º 34, com a seguinte ordem do dia:

a) —discutir e votar as contas, parecer e relatório da gerência transacta e primeira;

b) —eleição dos corpos gerentes para a gerência seguinte ou seja a de 1946.

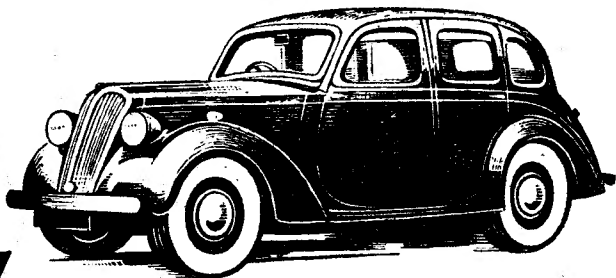
Os respectivos livros estarão patentes para exame durante os 8 dias imediatamente anteriores.

Não havendo numero legal funcionará em 2.ª convocação, com qualquer numero de sócios, meia hora depois da hora marcada para a primeira.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1946.

O Presidente da Assembleia Geral

(a) José Gomes Motta



Flying Standard

CHEGOU 2ª REMESSA

EM EXPOSIÇÃO, OS MODELOS DE
8 E 12 H. P.

C. SANTOS LDA.

29, AVENIDA DA LIBERDADE, 41 / LISBOA

ETP



Reparações
em aparelhos de todas
as marcas
ORÇAMENTOS GRATIS

SUPERSOM

Costa & Brito, Lda. - R. da Conceição, 35, 1.º
LISBOA - Telef. 24253

DISTRIBUIDORES DA

Emerson Radio

LUZARTE

Telef. 41701

Avenida Almirante Reis, 15-E e 15-F

A casa que mais barato vende, apresenta novos e lindos modelos de candeeiros para electricidade, banheiras a Escudos 75000, louças sanitárias fogões para gás e petróleo

Fazem-se reparações de electricidade água e gás

CLAUDINO PINTO & C.ª

Armazens de ferragens e ferramentas - Candeeiros de ferro forjado e de cristal - Candeeiros de petróleo - Grande sortido de artigos de menage - Louças - Vidros - Cristais - Esmaltes e aluminios - Talheres inoxidáveis, completos e avulsos - e grande variedade de outros artigos

Descontos especiais para revendedores
RUA DOS ANJOS, 77-B, C, D - Telefone 5 3027
CASA FUNDADA EM 1860

receptores de T. S. F.

CONSOLTE

sempre a



AVENIDA
L. P. 250

AVENIDA
LIBERDADE
10-45



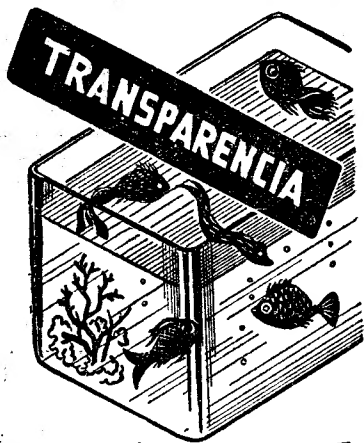
**D. Isabel Maria Laura
de Serpa Pinto de La
Figanière**

FALECEU

Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

D. Alexandrina de Serpa Pinto de La Figanière de Mesquita Negrão e seu marido Dr. Francisco d'Avilla Negrão, D. Maria Tereza de Serpa Pinto de La Figanière Mesquita Fernandes, D. Amélia Maria de Serpa Pinto de Mesquita e seu marido Dr. António Pedro Pinto de Mesquita, D. Maria Alexandrina Serpa Pinto de Mesquita e Alexandre Serpa Pinto de Mesquita, cumprem o doloroso dever de participarem o falecimento de sua muito querida e chorada Mãe, Sogra e Avó, no passado dia 7, não se tendo feito convites por sua expressa determinação. Reza-se uma missa no dia 14, às 12 horas, na Igreja dos Mortes, pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a esse piedoso acto.

P. N. A. M.



DE PÓ DE ARROZ
POMPEIA
é indiscutível

POMPEIA, a fragancia evocativa das mais belas mulheres da Roma dos Cesares!

Pó de arroz POMPEIA: o ar atraente e encantador de juventude da mulher actual!

Assim, a beleza de ontem e a beleza de hoje se fundem no mesmo ideal sublime.

L.T. PIVER

Restaurante "A MARISQUEIRA"

Telefone 234

Cascais

Situado no melhor local

Fornece almoços, e jantares a preço fixo. Vinhos Brancos e tintos das melhores marcas nacionais e estrangeiras. Serviço de bar e mariscos.



BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada

Rua Augusta, 275-1.º - Tel. 2 9017

DINHEIRO EMPRESTA-SE

tando-se o maximo sobre todos os objectos

R. Duque de Palmela, 11

4 R. Alexandre Herculano

Banha e Toucinho ARGENTINO

Entrega imediata, vende representante de Firma Argentina, Rua Nova do Almada, 59, 1.º - Tel. 26323.

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL - A's 21 e 30 - «Napoleão».
TRINDADE - A's 21 e 45 - «A Massaroca».
AVENIDA - A's 20 e 30 e às 22 e 45 - «O Pão de Ló».
VARIEDADES - A's 20 e 30 e às 22 e 45 - «Alto lá com o Charuto!».
APOLO - A's 20 e 45 e às 22 e 45 - «A Madrinha de Charley».
MARIA VITORIA - A's 20 e 30 e às 22 e 45 - «Travessa da Espera».
COLISEU - A's 21 e 30 - Companhia de Circo.
CASABLANCA - A's 21 e 30 - «Music-Hall».

CINEMAS

S. LUIZ - «As Rochas Brancas de Dover».
TVOLI - «Com todo o meu Coração».
EDEN - «Soldados sem Uniformes».
POLITEAMA - «José do Telhado».
GINASIO - «Sonho Musical».
PALACIO E ODEON - «Dente por Dente».
CAPITOLIO - «A Véspera de S. Marcos».
TERRASSE e LYS - «Quem Brinca com o Fogo...».

FUNERAIS

OS MELHORES SERVIÇOS

OS MAIS BAIXOS PREÇOS

Preferir a «SRAF» e poupar muito dinheiro e ter a certeza de ser bem servido. Facilidades de pagamento para quem as deseje aproveitar.
Rua das Pedras Negras, 5, e/l.
Telefones 2 7288 - 2 8584 - 4 2172

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU» Esmerado serviço de restaurante e esplendidos quartos e «apartamentos»

Recomendado pelos Automovel Club de Portugal, Club dos Medicos Portugueses, Club dos «100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.

Bau só existe um em Alcobaca e não tem sucursais

A's Senhoras

Luvax e meias, grande sortido.

LUVA AZUL

R. DO OURO, 266

TERRENO

Talhão para construção de prédio de 8 ou 10 inquilinos, compra-se. Carta a este jornal ao n.º 1002.

DE LUTO

D. Isabel da Conceição Alveiro.

Na sua residência, Travessa de André Valente, 27, faleceu a noite passada a sr.^a D. Isabel da Conceição Alveiro, de 78 anos, viúva, natural de Celavisa, mãe das sr.^{as} D. Maria Capitolina, casada com o sr. Manuel Tomé Cardoso, operário dos estaleiros náuticos da C. U. F., e D. Sara dos Anjos, e dos srs. Afonso Alveiro Costa e José Teodoro Costa, funcionários da secretaria geral de «O Século» e avô do sr. Adelino Tomé Cardoso, funcionário do Banco Nacional Ultramarino. O funeral realiza-se amanhã, às 10 horas, da morada acima para o cemitério da Ajuda.

Amadeu Gomes da Fonseca

Na sua residência, Rua Luciano Cordeiro, n.º 105, 1.º, faleceu o sr. Amadeu Gomes da Fonseca, de 61 anos, industrial, casado com a sr.^a D. Vitória Maria da Cunha da Fonseca. O funeral, a cargo da agência Magno, realiza-se amanhã, pelas 15 horas, para o cemitério do Alto de S. João.

D. Ana Maria Martins Pontes

Faleceu a sr.^a D. Ana Maria Martins Pontes, de 88 anos, mãe da sr.^a D. Maria Isabel Martins Pontes, regente do Instituto dos Cegos Branco Rodrigues. O funeral, a cargo da agência Magno, realiza-se amanhã, pelas 10 e 30, do Instituto referido, na Estrada Marginal, para o cemitério do Estoril.

D. Maria Ernestina de Brito Lages Cardoso

No hospital de Santa Marta faleceu, ontem, a sr.^a D. Maria Ernestina de Brito Lages Cardoso, professora oficial, de 50 anos, esposa do professor sr. Francisco José Cardoso Junior, e mãe do professor sr. dr. Ercílio Cardoso, residente na Rua Duque de Palmela, 11, rés-do-chão. Ainda não está marcado o dia e hora do funeral, que deve sair do referido hospital.

A Camara de Comércio Belga

elegue os novos corpos gerentes

A Camara de Comercio Belga, em Portugal, efectuou a sua assembleia anual ordinária, sob a presidência do sr. ministro da Belgica, sr. André Motte.

Depois de ter manifestado o seu regozijo pelo acordo comercial entre Portugal e a Belgica, ultimamente celebrado, e de comunicar quais as possíveis transacções comerciais que os dois países podiam realizar, o conselho cessante frizou o lugar de destaque que a Belgica ocupa no restabelecimento das condições normais na Europa.

O conselho administrativo, que foi eleito, ficou assim constituído: presidente, eng. Emmanuel Michex; secretário, Mathieu Defays; tesoureiro, Clement Bertenchamps; vogais, Gaston Bertrand, François Heirbrant, Edmond Poncin e Georges Regnier. Para secretário permanente foi eleito o sr. Louis Wenillaume; delegado no Porto, o sr. Carlos Lello; e delegado na Belgica, o sr. Fernand Quoirin.

No final da reunião, foi homenageado o sr. eng. Michex, por ter completado 10 anos de presidência naquele organismo. O sr. ministro da Belgica pôs em relevo as altas qualidades do homenageado, ao qual foi oferecido, por todos os amigos portugueses e belgas, uma valiosa lembrança.

Barco inglês

arribado ao Tejo

Com o leme avariado, chegou ao Tejo o vapor inglês «Rana», que se dirigia de Londres para um porto espanhol e que foi socorrido pelo «Cabo Sardão».

Este barco, como o «Rana», chegou esta madrugada, a reboque do «Cabo Espichel», por motivo de ter sofrido importantes avarias ao largo do cabo Sardão, deve entrar na doca, na próxima segunda-feira.

CARREIRAS AÉREAS

A partir de segunda-feira, o horário das carreiras Lisboa-Madrid passa a ser o seguinte: partida da Portela às 7 e 50, chegada a Barajas às 10 e 50; partida de Barajas às 16 e 30, chegada à Portela às 17 e 30.

Partiram para Madrid, no avião da «Ibéria», o infante D. Luís José de Bourbon e D. Maria Messias Lesseps.

Seguiu de avião para Rabat o bispo inglês Georges Morris.

FRANÇA-BELGICA

A Carioca, Ld.^a, encartrega-se de enviar para estes países, pacotes de excelentes conservas da conhecida fábrica SPAC. Os pacotes podem conter conservas de frango assado, creme de carne ou carne em ragout.

CARIOCA, LD.^a—Rua da Misericórdia, 3—(ao Camões)—Tel. 29567 Lisboa

COLARINHOS INGLESES

Van Heusen

Acaba de receber

TORRE EIFFEL

104—Rua do Carmo—106

A SELAGEM DAS DESNATADEIRAS

Todos os merceeiros de Sintra manifestam o seu apoio a um artigo do «Diário de Lisboa»

Temos continuado a receber muitos aplausos ao que escrevemos acerca das consequências da selagem das desnatadeiras, uma das quais é a diminuição das cabeças de gado.

Dentre elas queremos destacar, não só pelo numero, mas pela autoridade dos signatários, o seguinte documento, que tem as assinaturas e os carimbos de vinte—ou sejam todos eles—comerciantes de mercearia da vila de Sintra.

«Os abaixo assinados, comerciantes estabelecidos no concelho de Sintra, tomando conhecimento pelo vosso muito lido jornal de 30 de Janeiro p. p., do magnifico artigo que o mesmo inseria com o titulo «Um problema importante. A falta de carne e a diminuição de cabeças de gado, são devidas em parte a selagem das desnatadeiras».

O 63.º ANIVERSÁRIO da «Voz do Operário»

A «Voz do Operário» completa hoje 63 anos de existência. A obra da instituição tem sido justamente divulgada e dela têm beneficiado, até hoje, por diversos aspectos da sua acção de assistência, muitos milhares de pessoas. A campanha activa e efectiva a favor da instrução revela-se por uma excelente rede de escolas, de instrução primária, curso comercial, cursos de corte e costura, educação física, cantina e assistência médica escolar.

As cerimónias comemorativas da data da fundação—que hoje passa—realiza-se em data que será oportunamente anunciada.

Marinha Mercante

Novas unidades encomendadas

PONTA DELGADA, 12.—A Companhia de Navegação Carregadores Açoreanos firmou novo contrato, agora, com a firma holandesa Vuyt Koonen, para a construção de dois barcos motores de 3.800 toneladas.

As novas unidades terão uma velocidade de 15 nós e acomodações confortáveis para o pessoal, transportando doze passageiros. Com a construção destes barcos, mais os dois encomendados em Novembro à Inglaterra, a Companhia ficará a possuir nove unidades.—(L.).

A reunião da Junta Central das Casas do Povo

Na antiga sala do Conselho, no Ministério do Interior, sob a presidência do sr. dr. Castro Fernandes, subsecretário de Estado das Corporações, continuou hoje a reunião, ontem iniciada, da Junta Central das Casas do Povo, juntamente com a respectiva comissão consultiva e outras entidades.

Assistiram, também, todos os delegados distritais do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência.

CONFERÊNCIAS

Comentada pelo sr. dr. Lion de Castro, efectua hoje, às 21 horas, o sr. Rafael Raimundo Onofre, secretário do conselho técnico da Sociedade de Naturologia, uma conferência publica, na calçada do Marquês de Abrantes, 128, 2.º.

—Na próxima terça-feira, pelas 18 e 30, o sr. W. J. K. Mandy, M. B. E., B. A., realizará uma conferência acerca de «Lawrence of Arabia», na sede do Instituto Britânico em Portugal, Rua de Luis Fernandes, 3, Lisboa.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Os corpos gerentes do Sport Lisboa e Benfica, na sua primeira reunião, deliberaram apresentar ao «Diário de Lisboa» as melhores saudações, «atendendo ao interesse que sempre lhe tem merecido a educação física e dos desportos da nossa colectividade».

Agradecemos a amável lembrança.

MINISTRO DA GRÉCIA

Esteve na nossa redacção, a apresentar os seus cumprimentos de despedida, o sr. Kimon A. Collas, ministro da Grécia, que tem exercido, há anos, funções no nosso país. Agradecemos a deferencia e desejamos ao ilustre diplomata as melhores felicidades no novo posto que vai ocupar.

A MARINHA PORTUGUESA no centenário da Guiné

Regressou hoje, ao Tejo, o contra-torpedeiro «Lima» que, com o «Pedro Nunes», regressado ontem à noite, foi tomar parte nas comemorações do 50.º centenário do descobrimento da Guiné.

«A VOZ DO OPERÁRIO»

Como se fundou há 63 anos e se desenvolveu esta prestimosa colectividade—um artigo de palpitante interesse publicado no numero de Fevereiro de «Vér e Crer», por Raul Esteves dos Santos,

gem das desnatadeiras», mereceu-nos a maior atenção e pela publicação do qual nos sentimos muito reconhecidos, visto que o dito artigo traduzia bem nitidamente, as causas, que em grande parte, originam a escassez do gado, uma das quais é a selagem das desnatadeiras, que ao comércio, tanto da vila, como de todo o concelho, acarretou gravissimos prejuizos, visto que com o exclusivo ou monopólio concedido a uma entidade comercial e industrial fomos, na totalidade, os comerciantes de todo o concelho esbulhados do nosso sagrado direito de comerciar com um artigo de uso diário. Referimo-nos á acreditadissima «Manteiga Saloia», especialidade desta região, visto que a tal entidade comercial que teve artes de se assenhorear de tão chorudo monopólio não se dignou sequer fazer compartilhar, e ainda que em pequena percentagem, por meio de rateio, os restantes comerciantes aqui há longos estabelecidos.

Como reconhecemos a deslealissima concorrência que a dita entidade comercial faz ao restante comércio da vila de Sintra e seu concelho, pelo aproveitamento do «trunfo comercial» que representa ter o exclusivo de fabricar e de comerciar manteiga, aproveitando-se assim das facilidades que com o «presente» que obteve, nós, os comerciantes seriamente lesados nos nossos mais que legitimos direitos, vimos junto de V. protestar contra a situação que nos foi criada, afirmando que estamos convictos da grande injustiça, contra nós cometida, e também que os efeitos da selagem das desnatadeiras no nosso concelho são de facto graves, além de tudo pelo definimento das actividades comerciais, ás quais o Estado pede não pequeno sacrificio. Nós, os comerciantes do concelho de Sintra, apelamos para o Governo da Nação, para que mande rever a situação criada e faça o reajustamento necessario, de modo a harmonizar todos os interesses legitimos.

Enviando a V. calorosas saudações pelo vosso desinteresse e pelo carinho dispensado no vosso jornal a tão magno problema, agradecemos a publicação desta.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLICIA

ESTABELECIMENTO ASSALTADO — Os gatunos assaltaram a montra de um estabelecimento na rua de S. Pedro de Alcantara, de onde levaram varios frascos de perfumes, no valor de 1.400 escudos.

PRISÃO DE DESORDEIROS — A P. S. P. prendeu os maritimos Ernesto de Castro e Domingos Vital Drumond, ambos do Funchal, os quais, após uma desordem, agrediram Manuel Rodrigues Tadao, residente na rua do «Diário de Noticias», com socos e pontapés.

UM VALENTÃO — Foi preso pela P. S. P. o funileiro Apolinário Pombo, de 43 anos, que, com uma navalha de barba, agrediu quatro individuos, que, ao fim de muito trabalho, conseguiram subjuga-lo e desarmá-lo.

DESASTRES

QUEDA DE UM LIMPA-CHAMINÉS — Esta manhã, quando procedia, com outros, á limpeza das chaminés do prédio n.º 15, da Rua Andrade Corvo, caiu do telhado o limpa-chaminés Alberto da Fonseca, que deve ter 40 anos e reside na Rua João do Outeiro. O infeliz foi imediatamente socorrido, chegando sem fala ao hospital de S. José, pelo que deu entrada na sala de observações.

RAPAZES DA CIDADE

Foi adiada, para data que será oportunamente indicada, a festa projectada, no Salão do Chave de Ouro, a favor dos Rapazes da Cidade.

CARNE PARA AMANHÃ

No Matadouro Municipal de Lisboa, são abatidos hoje, para o consumo publico de amanhã, 109 bois, sendo 3 para os Hospitais Civis e um para preparo industrial; 51 vitelas, 3 das quais para o mesmo fim; 1.037 carneiros; 100 cabras; 13 cavalos e 21 suínos, sendo 1 para particular.

Suínos para consumo directo do publico, já nem vale a pena falar no caso. Agora, pelo que se vê, já a industria está também a adquirir bois e vitelas para enchidos...

O BAILE DE GALA dos estudantes de Medicina

No salão nobre da Faculdade de Medicina realiza-se depois de amanhã, a partir das 23 e 30, o baile de gala dos estudantes de Medicina, a favor da sua caixa de auxilio aos estudantes pobres. O baile é animado pela orquestra Sousa Pinto. As marcações podem fazer-se para a Faculdade de Medicina, pelo telefone 42185.



BELEZA

PRECISÃO

Cortébert

Companhia de Transportes Aéreos

Viaje com comodidade, segurança e rapidez entre

LISBOA-PORTO-LISBOA

nos aviões da C.T.A.

1 H. e 20 de viagem

Transporte de pequenas encomendas

Marcação de lugares: LISBOA — Av. da Liberdade, 72-A — Telef. 29341

PORTO — R. Sá da Bandeira, 84 — Telef. 7900

Depois das 19 — Hotel Império — Lisboa — Porto

Causou

grande sensação

a declaração
atribuída a Truman

acêrca da sua reeleição

WASHINGTON, 13 — Nos círculos políticos de Washington, houve grande excitação devido à informação dada aos correspondentes da Casa Branca de que o presidente Truman declarara particularmente ao grupo de conselheiros da Casa Branca que não desejava apresentar a candidatura para um segundo mandato.

A despeito do pronto e antecipado desmentido de Robert Hannegan, presidente da Comissão Nacional Democrática, dizendo que o presidente não fizera tal declaração, os observadores políticos bem informados estão convencidos de que Truman não deseja continuar como presidente depois de 1948 e que falou, nessa orientação, aos seus amigos.

Dentro do Partido Democrático há um movimento crescente para fazer de Frederick Vinson, secretário do Tesouro, o candidato para suceder a Truman e alguns observadores políticos atribuem as declarações de Truman ao grupo que apoia Winson.

O futuro político tanto do presidente Truman como de Vinson espera-se que seja submetido às discussões do Partido Democrático do «jantar do dia Jackson», em 23 de março, quando o presidente fizer a sua primeira alocução, como chefe titular do partido.

A importância que se liga na Casa Branca à declaração vem do prestígio da administração de Truman nas últimas semanas. Tornou-se mais importante ainda pela grande controvérsia sobre a nomeação presidencial do antigo associado político de Truman, Edwin Pauley, para sub-secretário da Marinha.

Tanto nos círculos oficiais como políticos de Washington, aumenta a revolta contra o que se chama o «Governo de amizade» ou seja a pretensão de amizade do presidente Truman para escolher os seus ministros entre os seus amigos pessoais e políticos de Missouri. Os observadores políticos estão convencidos de que é necessária uma renovação do ministério para restabelecer o prestígio da administração. — (Reuter).

A senhora

Roosevelt

atacou a Rússia

durante os trabalhos

da O. N. U.

LONDRES, 13.—A Assembleia Geral da O. N. U. esteve reunida desde as 21 horas até à 1 da manhã de hoje, para aprovar a recomendação feita pela Comissão Cultural e Humanitária para que os refugiados e as pessoas deslocadas não sejam forçadas a regressar aos países de origem quando não o queiram fazer por motivos de ordem política ou por quaisquer outros. Foram rejeitadas três emendas propostas pelo delegado soviético Vishinsky.

A senhora Roosevelt foi alvo de grandes manifestações de aplauso quando, falando em nome dos Estados Unidos, pediu que se não obrigassem os refugiados que vivem longe dos seus lares a regressar aos respectivos países de origem, porque se eles tomavam essa resolução é porque poderosos motivos políticos ou de qualquer outra ordem impediam o seu regresso à Pátria.

Acrescentou que o desejo do delegado soviético era fazer aprovar as três emendas que apresentou, apenas com o objectivo de forçar muitos cidadãos russos que discordam do regime soviético, de força e de violência, a regressar à Pátria, os quais teriam depois de defrontar-se com os chamados Tribunais do Povo, que os condenariam irremediavelmente à morte.

A uma réplica de Vishinsky, a sr. Roosevelt limitou-se apenas a dizer: «Todos conhecem perfeitamente o regime de liberdade de Imprensa, do pensamento, da palavra e da reunião, existente na União Soviética». — (United Press).

As eleições na Grécia

ATENAS, 13.—Sofoulis, primeiro ministro da Grécia, disse que indeferira o pedido feito pelos três organismos políticos das esquerdas para que fosse adiada a data das eleições que se vão efectuar em todo o território grego. Acrescentou que as eleições se realizariam na data já fixada pelo governo, isto é, no dia 31 de Março próximo. — (United Press).

O JULGAMENTO DE NUREMBERG

Foi hoje revelada uma carta

em que o Estado Maior alemão

alude ao plano de ocupação de Gibraltar

NUREMBERG, 13.—Um dos oficiais do grupo da acusação russa apresentou hoje no julgamento dos maiores criminosos de guerra alemães, uma carta do Estado Maior alemão para demonstrar que os chefes da marinha de guerra alemã planeavam a ocupação de Gibraltar, em 1941, ano do ataque alemão à Rússia e de intensificação da luta no deserto ocidental. A carta, que foi enviada em circular aos generais comandantes dos grupos de exército, na frente oriental, revela completamente os planos alemães no período da culminância dos seus êxitos em Agosto de 1941.

A carta diz: «O Estado Maior Naval recebeu as primeiras directivas do Fuhrer, referentes às suas intenções para terminar a campanha do leste. Deve haver efectivos suficientes das forças armadas no norte de África para tornar possível a conquista de Tobruk. Para se permitir a passagem dos transportes necessários serão intensificados os ataques da aviação alemã à ilha de Malta. Desde que as condições do tempo não causem demoras e o serviço de transportes não seja prejudicado, a campanha contra Tobruk deve iniciar-se em meados de Setembro. O plano «Felix» — ocupação de Gibraltar — deve ser executado em 1941. Se, depois de terminada a campanha do leste, conseguirmos trazer a Turquia para o nosso lado, está previsto o ataque à Síria e à Palestina, para o avanço das nossas tropas em direcção ao Egipto, depois de um período de preparação mínimo, mais ou menos 35 dias. Devemos ocupar as passagens do Cáucaso e melhorar as condições dos transportes na Anatólia. Se, mesmo depois da derrota da Rússia soviética, a Turquia não se colocar ao nosso lado, o avanço através da Anatólia na direcção do Sul realizar-se-á mesmo contra a vontade do Governo turco.

«Depois da queda de Tobruk atacaremos o Egipto, avançando da Cirenaica. Presumivelmente, este ataque não poderá dar-se antes dos fins de 1941 ou princípios de 1942. Se o colapso da União Soviética criar as necessárias condições de avanço para tropas motorizadas, uma expedição atravessará a Transcaucásia em direcção ao

Golfo Pérsico, ao Irão, à Síria e ao Egipto. Devido às condições do tempo, essa operação só deve tornar-se possível em princípios de 1942».

Torturas aos soldados soviéticos

O acusador russo, Zorya, declarou: «Este documento revela a marcha dos acontecimentos que os conspiradores fascistas pretendiam se o exército russo não tivesse detido a sua agressão». Acrescentou com ênfase dramática: «O exército vermelho não somente suportou e deteve a agressão fascista mas, juntamente com os exércitos aliados, levou a Alemanha de Hitler a uma completa catástrofe». Zorya apontou, quando concluiu a sua frase, os acusados e disse: «Eis os criminosos de guerra fascistas».

O acusador soviético, coronel Yuri Pokrovsky, ocupando-se do tratamento que os alemães davam aos prisioneiros de guerra russos, citou um relatório de Molotov que diz: «Os homens do Exército Vermelho estão a sofrer torturas selvagens e a morte, às mãos de militares alemães. Eles são queimados com ferros em brasa inclusive nos olhos, cortam-lhes as mãos, os pés e as orelhas. Encontramos muitos cadáveres mutilados. Verificamos que muitos cadáveres tinham marcas feitas com canivetes aquecidos ao rubro. Soldados russos foram feridos com baionetas. Foram envenenados com arsénico, amarrados a dois tanques e os seus corpos desmembrados. Os alemães compeliaram prisioneiros de guerra do exército russo a marchar à frente das suas colunas de ataque. Quando o frio apertou, os saltadores hitlerianos não somente tiraram artigos de vestuário de lã e as botas aos cadáveres dos soldados russos, mas arrancaram aos feridos literalmente tudo quanto possuíam — camisolas, botas, meias, coletes e capas — deixando-os nus ou quase».

Apoderaram-se até de artigos de vestuário de lã das enfermeiras mortas ou feridas. Prisioneiros de guerra russos morreram de fome, depois de semanas inteiras sem qualquer ração ou então uma ração miserável, de pão duro e batata. No campo de Vitebak, prisioneiros do Exército Vermelho quase não receberam alimentação durante quatro meses. Quando um grupo fez um pedido de alimentos ao comando alemão um oficial alemão procurou saber quem esboçara essa carta. Cinco soldados russos afirmaram terem escrito a carta — e foram fuzilados.

A nota de Molotov refere-se também a um regulamento publicado pelo Alto Comando alemão e pelo Ministério da Agricultura e da Alimentação estabelecendo o racionamento para os prisioneiros soviéticos que era constituído por seis quilos de pão e 400 gramas de carne, por mês, o que «levou os prisioneiros russos a uma morte lenta pela fome».

A nota declara que o Governo alemão empregou todos os esforços para não ser conhecido esse regulamento e acrescentou: «Assim, em resposta a um pedido do Governo soviético, o Governo da Suécia declarou que a informação relativa ao regulamento do Governo alemão, publicada na Imprensa da Europa e da América, era exacta, mas que não tendo tal regulamento sido publicado não entrara em vigor». Pokrovsky comentou: «O regulamento que não tinha valor perante o Governo da Suécia no outono de 1941 tem valor para este Tribunal Militar Internacional». — (Reuter).

A crise turco-soviética

(Continuação da 1.ª pag.)

relação ao Lazistão, abriram os olhos aos mais calorosos partidários dos soviéticos e, quando o Governo turco declarou ter do seu lado a totalidade do país, diz com certeza a verdade. Registam-se todos os dias manifestações nas cidades e vilas que a Rússia pretende anexar. O país inteiro forma um bloco em volta dos seus chefes.

A Turquia está, portanto, à espera, de armas na mão. Que irá suceder agora? A verdade obriga-nos a dizer que se espera o pior, incluindo um conflito armado, e que os resultados da conferência de Moscovo não são de feição a restituir o optimismo à opinião pública.

Havia-se pensado que os três ministros dos Negócios Estrangeiros se ocupariam a sério das questões do Médio-Oriente e que os anglo-saxões teriam persuadir os russos a que, embora não retirassem os seus pedidos, deixassem pelo menos de falar deles. Ora, sucedeu justamente o contrário, o que permite pensar que, se as rela-

ções russo-turcas foram tratadas em Moscovo, o deverão ter sido muito ao de leve.

Em frente da Rússia erguer-se-á a Turquia, que quer conservar a sua independência.

O espírito de Ataturk

Os cidadãos turcos, cada qual de per si, encaram esta probabilidade com o mesmo grau de serenidade e de decisão. Não se encontra, é certo, qualquer vestígio de entusiasmo guerreiro neste país. Sabe-se muito bem que, se rebentasse a guerra, não seria uma guerra alegre e brilhante e que, provavelmente, em poucos dias, tudo ficaria liquidado. Mas todos marchariam sem hesitar, de tal modo todos estão persuadidos de que não há outra alternativa além de uma luta sem esperanças ou o fim do kemalismo e a perda da independência.

Por isso, no estado actual da opinião pública, é ilusão supor que a guerra dos nervos desgastará a resistência turca e que este país será levado a disposições conciliatórias. A não ser que se registem acontecimentos imprevistos, a Turquia não cederá os vilactes orientais nem o Lazistão. Não aceitará amanhã, como não aceita hoje, a concessão de bases militares nos Estreitos. Mesmo que o Governo o quisesse fazer, seria imediatamente derrubado por um movimento popular.

No dia 2 de Janeiro, Hasan Saka

partiu para Londres, a fim de representar a Turquia na assembleia das Nações Unidas. Levou consigo a derradeira esperança que resta ao povo turco, a de que o seu ministro dos Negócios Estrangeiros saberá persuadir a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e, com eles, os outros países democráticos, de que é indispensável fazer compreender à União Soviética que o primeiro acto que cometesse contra a Turquia desencadearia uma catástrofe que subverteria todo o Médio-Oriente e que talvez alastrasse muito para além. Em que medida serão coroados de êxito os esforços que Hasan Saka vai empregar? Não reinam aqui muitas ilusões a esse respeito, a tal ponto a conferência de Moscovo desanimou os mais optimistas.

O espírito de indomável resistência de Ataturk nunca esteve tão vivaz como hoje.

(Agence France-Presse—World copyright 1946 by A. F. P. Paris. Reservados todos os direitos).

IMPERIUM SALÃO
CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T.27527

Autêntico CAVIAR MALOSSOL

Primeira remessa directa da ESCANDINAVIA

Martins & Costa, L.ª

R. DO CARMO, 41